



COELHO DE MORAES

teatro
GRADIVA
AS BRUXAS

GRADIVA AS BRUXAS

Coelho De Moraes

Direitos de Cópia para

Cecília Bacci & Guilherme Giordano
ceciliabaccibscm@yahoo.com.br
menuraiz@hotmail.com

SELO EDITORIAL FATECmococa

produtoresindependentes@yahoo.com.br
Coleção BROCHURA / PDF / ESPIRAL

Capa
COELHO DE MORAES
sobre um tema boliviano
edição: 5 mil / distribuídos via mail
coelhomoraes@terra.com.br

Cidade de Mococa
São Paulo
Setembro / 2009

Fala inicial:

Vale a referência. Seguir os passos do mestre.

E o mestre é Millôr Fernandes.

Desta forma, os textos para “AS BRUXAS”, têm muito da diretriz do mestre, no que tange a colagens e citações e adaptações e versões. Ouviremos as vozes de outros autores – clássicos - e veremos cenas já rodadas em montagens outras. Citações, repito, numa variada abordagem aqui prescrita. GRADIVA já é adaptação de um caso clínico de Freud.

Mas desejo boa leitura, assim mesmo, e um alerta. Você que lê é um ser raro no Brasil de 2009. Não-leitores formam a grande maioria, por isso, a FATECmococa resolveu distribuir livros a mancha para acabar com a desculpa. Livro no formato PDF.

Apesar do formato continuam livros – vale o escrito. Preocupe-se com o conteúdo e não com o envoltório. Livros com novo peso.

Livros com outra arte. Livros com ares de contemporaneidade.

Devemos nos conformar: Uma peça de teatro, apresentada em palco, toma hora e meia ou duas horas. Uma peça de teatro na leitura silenciosa caminha mais rápido. Corresponde a um capítulo de novela, por exemplo. Fica a sugestão. Substitua as novelas pela leitura de textos dramáticos de autores nacionais de preferência. No final da semana terá lido cinco obras teatrais (cinco livros) e ainda sobrarão o final de semana inteiro para ir ao teatro conferir. Ou assistir o capítulo de final de semana das novelas. O leitor verá que nada mudou na xaropada televisiva, e, que a língua continua a ser enrolada no horário nobre.

Porém, uma luz começará a aparecer no fim do túnel.

O leitor a si dará um superior nível crítico.

Parabéns.

Para
Rose Braga

“GRADIVA”

Personagens: Freud / Jensen / Norberto / Gradiva / Fernando (pai de Gradiva) / Gisa e Namorado / Casais de namorados / Hoteleiro / Pessoas que caminham pelas ruas

CENA I

(Proscênio / os diálogos entre Jensen e Freud/ estão alheios à cena às suas costas / mesmo assim, usam, muitas vezes a cena como exemplo / para onde olham como num sonho / ora num lado ora noutro do palco ad lib / está aí o escritório deles / Foco neles)

FREUD – Escrevo esta obra para te agradar. Nada mais do que isso. Hoje já penso e outras coisas.

JENSEN - Não me lembro de ter dado uma resposta brusca em nenhum momento.

FREUD – Quem falou em resposta brusca?

JENSEN – Esse teu jeito me deixou na dúvida... me pareceu uma pergunta rude.

FREUD – Deixa pra lá... Aquilo que atraiu especialmente a minha atenção foi, sem dúvida, o cenário em que a estória se desenrola. Um antigo interesse por Pompéia. Itália... a rua... a via. A associação para a palavra “*via*”, em um dos sonhos, que NORBERTO fornece: “as ruas – as vias - de Pompéia que estudo no momento”.

JENSEN - Estou fascinado...

FREUD – Eu também... pela analogia existente entre o destino histórico de Pompéia - o soterramento e a posterior escavação - e os eventos mentais que são familiares: o soterramento pela repressão e a escavação pela análise. Pompéia é a mente, meu caro, Jensen.

JENSEN – E nós... os arqueólogos? *(caminha com as mãos nas costas)* E os sonhos que nunca foram sonhados?

FREUD - Sonhos criados por escritores. Sonhos criados por artistas. Esses são os melhores sonhos. Especialmente os sonhos criados no teatro. O escritor supera, de longe, o analista.

JENSEN – E a platéia sofre a catarse!?

FREUD – Você está pegando o ritmo, caro Jensen. É por aí.

JENSEN - A idéia de submeter à investigação essa espécie de sonhos pode parecer estranha... o que é que sai de útil daí?...

FREUD – útil? ... *(dá de ombros)*.

JENSEN – Nem todo mundo acredita que os sonhos possuem

significados e que podem ser interpretados. No entanto há tribos primitivas que...

FREUD – Eu sei que a ciência e a maioria das pessoas cultas sorriem quando propomos a interpretação do sonho.

JENSEN – E, você acha isso pouco?

FREUD - Só as pessoas simples, que se apegam às superstições e assim perpetuam as convicções da Antiguidade, continuam a insistir que sonhos são passíveis de interpretação.

JENSEN – Pessoas simples... pessoas que nunca estudaram... pessoas supersticiosas... pessoas ignorantes... é disso que você está falando?

FREUD - Vamos ousar, apesar das reprovações e vamos nos colocar ao lado da superstição e da Antiguidade.

JENSEN - Saiba que eu não acredito serem os sonhos presságios do futuro.

FREUD – Nem eu...

JENSEN - Entretanto, não é capaz de refutar de todo a relação entre os sonhos e o futuro, pois o sonho, faz-nos especular.

FREUD – Quero agora tratar do passado... só isso...

JENSEN – Vamos lá... me fala do sonho e do passado.

FREUD – (*Freud se levanta e mira o horizonte*) O sonho se revelará como a representação da realização de um desejo do sonhador; e quem poderia negar que os desejos se orientam para o futuro?

JENSEN - Acabou de afirmar que os sonhos são desejos já realizados.

FREUD - Ainda não se trata de determinar se o significado de um sonho pode ser interpretado como um desejo realizado. Poderá também representar uma expectativa ansiosa, uma intenção, uma reflexão, talvez.

JENSEN – Realmente, mestre, possuem os sonhos algum significado?

FREUD - A resposta de parte da ciência é negativa: ela explica o sonhar como um processo fisiológico, por trás do qual não há necessidade de procurar sentido, ou significado ou propósito. Os estímulos do corpo, segundo consta, agem sobre o aparelho mental durante o sono, levando à consciência ora uma, ora outra idéia, desprovidas de qualquer conteúdo mental. Dizem eles, os cientistas.

JENSEN – Então, os sonhos serão comparáveis a meras contrações, e não a movimentos da mente? (*mudando de assunto e olhando para os lados à procura de alguém*) Mas, não havíamos pedido que trouxessem o chá? (*consulta o relógio de bolso*) Já não é hora?

FREUD – Esquece o chá, Jensen... Logo logo estará por aí... (*o bater de horas de um relógio faz com que os dois parem / se olhem / meditem / confirmem os relógios de bolso / retomam a cena*)... Mas, olha, Jensen... (*pigarro*) ...quando um autor, um escritor, um cineasta, faz sonhar as personagens construídas por sua imaginação, segue a experiência cotidiana de que os pensamentos e os sentimentos das pessoas têm prosseguimento no sonho, sendo seu único objetivo retratar o estado de espírito de seus heróis através de seus sonhos.

JENSEN – Somente os escritores muito criativos?

FREUD – Pode ser qualquer escritor ou artista, mas, os mais criativos são aliados muito valiosos. Costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra, como já nos disse o velho Shakespeare...

JENSEN - ...com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar.

FREUD - O que seria da psique humana sem Shakespeare, meu amigo? E, se esse apoio dos escritores a favor dos sonhos possuírem significado menos contraditório!? Um crítico mais severo poderia objetar que os escritores não se manifestam nem contra nem a favor dos sonhos... que tenham ou não significado psíquico.

JENSEN - Mas esse pensamento sensato não virá, certamente, arrefecer nosso interesse pela maneira como os escritores fazem uso dos sonhos? No entanto, mestre, eu penso melhor com a barriga cheia e preciso desse chá.

FREUD – O chá e as bolachinhas estão a caminho... não se preocupe... (*folheia alguns livros*) A boa Gertrude está preparando excelentes biscoitos... ah! achei. Sei que a investigação ensinará muita coisa boa sobre a natureza dos sonhos. (*divertido*) Para usar uma expressão do futuro: Quando cai a ficha! (*ri*).

JENSEN – Não entendi, mas, sei... sei... Entretanto, há muito menos liberdade e arbitrariedade na vida mental do que tendemos a admitir, e pode ser até que não exista nenhuma liberdade.

FREUD - Aquilo que no mundo externo denominamos de casualidade pode, como sabemos, ser colocado dentro de leis.

JENSEN – O que chamamos de arbitrariedade da mente repousa sobre leis das quais só agora começamos vagamente a suspeitar. (*chateado*) Agora eu queria um pouco de chá, de verdade. Estou falando sério. Já não penso direito.

FREUD - Vamos prosseguir! (*tomando anotações*) Vamos examinar esse caso particular do Norberto, penetrando a fundo nas criações oníricas de uma das obras do escritor.

JENSEN – Reunir todos os exemplos que fossem encontrados do uso de sonhos nas obras de diversos autores, não é?

FREUD – Sim, seria o ideal... isso mesmo... já que nos liberta imediatamente das dificuldades inerentes à adoção do conceito artificial de ‘escritores’ como classe. Ao ser investigada, a classe se desagrega em escritores individuais de valor extremamente diverso, entre os quais alguns que veneramos como os mais profundos observadores da mente humana.

JENSEN – Eu soube que uma pessoa do grupo onde primeiro surgiu essa idéia lembrou-se de que a última obra de ficção que prendera seu interesse continha vários sonhos cujas fisionomias familiares o pareciam encarar, e, convidá-lo a tentar aplicar-lhes o teu método da *Interpretação de Sonhos*, Mestre.

FREUD – Eu sei... Ele confessou que o tema da pequena obra e o cenário em que o mesmo se desenvolvia era o principal fator de seu prazer.

JENSEN – Se o que o mestre faz tiver um mínimo de ciência nos sairemos bem.

FREUD - Tomemos essa história situada em Pompéia.

JENSEN – Ah! Itália. Lá tem boas pastas e uma boa geléia.

FREUD - Um jovem arqueólogo, Norberto, que abdicara do seu interesse pela vida para dedicar-se à Antiguidade clássica, será, por meios tortuosos e estranhos, novamente atraído à vida real.

JENSEN – Concordo com tudo, mas primeiro eu preciso de chá, ou me recuso a pensar.

CENA II

NORBERTO (*observa um fragmento em gesso. Atriz se mostra ao fundo, igual ao fragmento que pode ser projetado na tela ao fundo.*)

Jovem adulta, vestes esvoaçantes, sandálias, surpreendida a caminhar. Como um instantâneo: Um dos pés repousa no solo, enquanto o outro, já flexionado para o próximo passo, apóia-se na ponta dos dedos, estando a planta e o calcanhar perpendiculares ao solo). Não posso explicar o que me atrai nesta peça, a não ser o andar da moça. Ela está ‘viva’ e ‘atual’, como se o artista escultor houvesse reproduzido uma rápida visão colhida nas ruas. Qual é o teu nome, mulher?

GRADIVA – *(ainda na pose)* Gradiva. A jovem que avança, como o deus da guerra dirigindo-se ao combate - ‘Mars Gradivus’.

NORBERTO – Você é filha de uma família nobre.

GRADIVA – Meu pai é o prefeito que exerce seu cargo a serviço de Ceres, e eu estou a caminho do templo da deusa.

NORBERTO - Tenho dificuldade em situar sua natureza serena e tranqüila no clima agitado de uma capital.

GRADIVA – Talvez você me deva me transportar para Pompéia.

NORBERTO – Você tem traços gregos, e estou convencido de que você tem origem helênica. *(dúvida)* Essa maneira de pisar, Gradiva, fora reproduzida pelo escultor como na vida, ou não?

GRADIVA - Ele achava que não conseguiria imitar-me, e para comprovar a ‘realidade’ desse modo de andar resolveu, ‘para aclarar a questão, observar a vida’. Essa resolução levou-o a agir de forma pouco condizente com seus hábitos, pois, até então, o sexo feminino não passara para ele de um conceito expresso em mármore ou em bronze, e nunca prestara a menor atenção a nós, mulheres.

NORBERTO - Deveres sociais são como um inevitável aborrecimento. Nunca presto atenção ao aspecto e à conversa das jovens... às vezes, ao reencontrá-las acidentalmente eu passava sem um cumprimento...

GRADIVA – Não causava impressão favorável, não é?

NORBERTO - Mas, você me fez prestar atenção. Você me cativa. Você me prende.

CENA III

(Chove. Pessoas caminham pelo palco e NORBERTO importuna as mulheres observando seus pés, tomando-os, medindo-os, acariciando-os. Algumas reprovam, outras adoram e curtem.)

NORBERTO – *(desânimo)* O modo de andar de Gradiva não se encontra na realidade.

CENA IV

(GRADIVA desvanece no telão e some na luz em resistência. NORBERTO dorme. No telão: Muito barulho. Pompéia é destruída pelo vulcão. O sonho se mescla com a cena. NORBERTO se levanta. Gradiva passa) Gradiva! Gradiva! *(ela, sem se deter, volta-lhe o rosto sereno, continua seu caminho até o templo. Senta-se em um dos degraus e curva-se lentamente até repousar a cabeça no piso. Ele corre em sua direção, mas a encontra deitada, expressão tranqüila, é uma estátua. A cinza a cobre. Gritos terríveis de socorro vindo de todos os lados!!)*

CENA V

(NORBERTO acorda, o som de Pompéia se confunde com o som da cidade que vem da janela. NORBERTO se levanta e fecha a janela do lado direito. Triste.) Gradiva! Gradiva. Eu a perdi. *(um passarinho começa a cantar. NORBERTO abre outra janela do lado esquerdo e o som se amplia. Um sobressalto. Julga ter visto na rua uma silhueta semelhante a Gradiva. Desce em trajes de dormir. As pessoas riem. Ele retorna. O canto do canário.)* Preciso partir. Sair dessa gaiola e partir *(inicia uma arrumação de roupas em mala. Sai).*

CENA VI

(FREUD e JENSEN tomam do chá / conversa amistosa)

FREUD- ... é um dos privilégios do escritor poder deixar-nos na incerteza!

JENSEN - O encanto de sua linguagem e a engenhosidade de suas idéias recompensam-nos provisoriamente pela confiança que depositamos nele e pela simpatia, ainda injustificada, que nos dispomos a conceder ao herói.

FREUD – Veremos que ele foi predestinado pela tradição da família a dedicar-se à arqueologia e que, quando se achou só e independente, se absorveu inteiramente nos estudos, afastando-se por completo da vida e seus prazeres.

JENSEN – Mestre, só o mármore e o bronze eram para ele

verdadeiramente vivos? Só esses materiais exprimiam o propósito e o valor da vida humana?

FREUD - ... é a natureza, caro Jensen... caráter nada científico: imaginação vivíssima que se mostrava em sonhos e também no estado de vigília. Isso o tornava um artista ou um neurótico; ele estava entre aqueles cujo reino não é deste mundo.

JENSEN - Daí resultou interessar-se pelo relevo que representava uma jovem caminhando de forma peculiar e tecer sobre a mesma suas fantasias, imaginando para ela um nome e uma origem...

FREUD - ... situando-a na cidade de Pompéia, soterrada há mais de mil e oitocentos anos, até que por fim, após um estranho sonho de ansiedade, sua fantasia da existência e da morte de Gradiva ampliou-se, passando a constituir um delírio que influenciava suas ações.

JENSEN - Tais produtos da imaginação seriam considerados espantosos e inexplicáveis numa pessoa da vida real.

FREUD - No entanto, NORBERTO, nosso herói, é uma pessoa fictícia, é uma personagem inventada. Talvez possamos perguntar timidamente a seu autor se acaso sua imaginação não terá sido determinada por forças outras que não as da sua escolha arbitrária.

JENSEN – Vamos descobrir que ele não tem nem plano nem roteiro fixos para essa viagem. A intranqüilidade e a insatisfação internas levaram-no a transferir-se de Roma para Nápoles, e daí para mais adiante. Viu-se envolvido por uma nuvem de casais em lua-de-mel. Transportes amorosos que lhe pareciam incompreensíveis.

FREUD - Chegou à conclusão de que, de todas as loucuras da humanidade, “o casamento é a maior e a mais incompreensível, sendo o ápice dessa imbecilidade aquelas despropositadas viagens de núpcias à Itália.”

CENAS VII

(Norberto, num banco de jardim, acorda e se vê em Pompéia original, bela e bem construída. Casais namorados – ardentes - em volta dele – se esfregam e namoram nas escadas e nas pedras. Moscas. Zunir de moscas. Norberto caminha pela cidade e ruínas. Grande luz superior, como um sol, clareia o palco / fumaça amarela leve exala)

NORBERTO – *(um tanto épico num crescendo)* Julgo que posso

transportar-me à vida que havia sido enterrada, mas não com o auxílio da ciência. Ela ensina uma concepção fria e arqueológica do mundo e faz uso de uma linguagem morta, que em nada contribui para a compreensão do espírito, dos sentimentos, do coração. Quem desejar atingi-la deve permanecer aqui, solitário, único ser vivente nessa calma abrasadora do meio-dia, entre as relíquias do passado, e ver, mas não com os olhos do corpo, e ouvir, mas não com os ouvidos físicos. E então... os mortos acordarão e Pompéia tornará mais uma vez à vida.'

(Gradiva sai de um relevo nos cenários, até então despercebida / desce os degraus / atravessa a rua/ repete os passos do sonho)

NORBERTO – Pela primeira vez me vem à consciência que, embora ignorando o impulso, se eu viera à Itália, dirigindo-me a Pompéia sem deter-me em Roma ou em Nápoles, fora para procurar as pegadas de Gradiva (*ele se deita no chão buscando pegadas literais*). Com aquele andar característico ela deveria deixar impressões inconfundíveis nas cinzas de Pompéia. (*ao fundo alguém passa furtivo entre as colunas*).

CENA VIII

FREUD - Nesse ponto a tensão em que até agora nos mantém o autor transforma-se por um momento numa dolorosa perplexidade.

JENSEN - Evidentemente não foi só o nosso herói quem perdeu o equilíbrio mental. Também nós ficamos desorientados com o aparecimento de Gradiva, que de uma figura em mármore já passara à figura imaginária. Somente o chá me é tedioso. O mestre não terá bolachas ou bolo suíço, que me o mais recomendado?

FREUD – Não... não tenho... se a camareira retornar pediremos para ela.

JENSEN - Acaso seria ela uma alucinação do nosso herói?

FREUD – Quem? A camareira?

JENSEN – Não... a Gradiva... seria um 'verdadeiro' fantasma, ou ainda uma pessoa viva? Não se quer dizer com isso que precisemos acreditar em fantasmas.

FREUD - O autor, que rotulou de 'fantasia' sua obra, ainda não nos informou se pretende deixar-nos dentro do nosso mundo, desse prosaico mundo governado pelas leis da ciência...

JENSEN - ...ou se pretende transportar-nos a um outro mundo

imaginário, no qual se concede realidade aos espíritos e fantasmas, sei.

FREUD - Estaremos preparados para segui-lo sem hesitações, como *Hamlet* ou *MacBeth*?

JENSEN – Mestre, eu acredito. Na verdade, que ao considerarmos quão improvável é a existência de uma pessoa real seja a imagem viva de uma escultura antiga...

FREUD - ... as hipóteses reduzem-se a duas: uma alucinação ou um fantasma do meio-dia.

JENSEN - Um pequeno detalhe na narrativa leva-nos a abandonar a primeira possibilidade.

FREUD – Não será alucinação?

JENSEN – Não... Um pequeno lagarto, que sobre uma pedra desfrutava imóvel do calor do sol, fugiu assustado à aproximação do pé de Gradiva. (*grita, para dentro*) Alguém aí pode me trazer um bolo suíço?

FREUD – (*olha Jensen com certo espanto*) Muito bem. Não se tratava, assim, de uma alucinação, mas de alguma coisa externa à mente de nosso sonhador. Contudo, a realidade de uma rediviva, de uma nosferatu, de uma morta-viva poderia perturbar um lagarto?

CENA IX

(Repete-se a cena de Gradiva correndo e entrando em uma casa / passa por trás de NORBERTO. Ele se levanta e olha a casa. Atônito)

NORBERTO – (*grita*) De quem é esta casa! (*baixa a voz*) O que é que GRADIVA faz aí? (*Ele entra e vê GRADIVA nos degraus, tendo sobre os joelhos um objeto branco, talvez uma folha de papiro... se olham... ele toma de pedras e madeira e escreve, mostrando para ela. Num telão a escrita aparece... GRADIVA baixa os olhos. Ele torna a escrever em latim. GRADIVA sorri.*)

GRADIVA - Se desejas falar-me deves empregar a teu próprio idioma.

NORBERTO - Eu já sabia como soaria a tua voz. (*GRADIVA estranha*).

GRADIVA – ... mas, você nunca me ouviu falar.

NORBERTO – Confesso... nunca ouvi você... embora esperasse ouvi-la em sonho, quando lhe falei ao vê-la deitada nos degraus do

templo. (*suplica*) Você pode repetir a cena para mim? (*se ergue e é como um diretor de cena*) Você desce e caminha para os degraus. Deita-se nele e dorme enquanto eu te olho... (*sonha*) as cinzas do Vulcão... (*mas a esse pedido ela se levantou, uma borboleta passa pelo telão / Gradiva o olha estranhada, e em poucos passos desapareceu entre as colunas do pátio, como se fugisse*). A borboleta é mensageira de Hades. (*ele se desespera e alteia a voz*) A borboleta veio lembrar à jovem morta que ela devia retornar, pois a hora concedida aos fantasmas estava para terminar. (*para o fundo*) Voltará aqui amanhã ao meio-dia? (*A luz tremenda se desfaz / pessoas aparecem pelas ruas de Pompéia, a passear, meros caminhantes. NORBERTO vistoria novamente e inconveniente os pés das mulheres. Toma pontapés de algumas. Toma esfregadas de outras. As pessoas partem. NORBERTO vê umas flores e pega algumas para ele*).

GRADIVA – (*grita lá de dentro*) São as flores dos infernos. Asfodélias. (*reaparece e vem descendo os degraus*).

NORBERTO - (*desconsolado*) A arqueologia é a ciência mais inútil e desinteressante do mundo... há coisa mais interessante do que poderia ser a natureza da aparição corpórea de Gradiva, um ser que estava simultaneamente morto e vivo, embora só ao meio-dia?! (*ela reaparece entre as colunas, olhando para ele*) Ah! Se ao menos fosse real e viva!

GRADIVA - A jovem de andar gracioso que procura, na realidade mora aqui nesta mesma cidade em que vive. A flor é tua? Ou será para mim? Senta. Me fala? O que você quis dizer com andar e sentar-me nos degraus?

NORBERTO – Quero que faça de novo!

GRADIVA – De novo o que? Que ocasião foi essa em que ficara ao lado de mim enquanto se deitava para dormir?

NORBERTO – Eu vi você... e Pompéia... você havia perecido juntamente com toda a população de cidade... eu a vi no relevo em mármore e da posição do pé que tanto me atraía.

GRADIVA – Está bem. Concordo. (*passa andar com sua característica maneira. Está de botas. NORBERTO toma de seus pés e pega as botas ou sandálias e as retira, acaricia os pés da atriz*). É uma adaptação ao presente. Pensando na escultura, eu te reconheci à primeira vista.

GRADIVA - Foi pena você não ter conseguido encontrar nas ruas alguém que reproduzisse o modo de andar de Gradiva. Que pena! Talvez essa longa viagem a Pompéia não tivesse sido necessária!

NORBERTO – Você é Gradiva.

GRADIVA – Não. Engano. Você sempre se engana. Meu nome é Zoe.

NORBERTO – Zoe... Zoe significa ... vida!

GRADIVA – Vida... mas, vida biológica.

NORBERTO - Esse nome te assenta maravilhosamente, mas soa como uma amarga ironia.

GRADIVA - Temos de nos curvar ao irremediável, e há muito que me acostumei a estar morta. Mas, eu volto, ao mesmo local ao meio-dia, amanhã. Volto sempre. Asfodélias. Me dá essa flor? As garotas mais afortunadas recebem rosas na primavera, mas essas flores do esquecimento são mais apropriadas para mim.

CENA X

(comendo, com muito prazer, bolo e bolachas)

FREUD - Agora começamos a compreender e a nutrir alguma esperança. Se a jovem, em cuja figura Gradiva tornou à vida, aceitou tão plenamente o delírio de NORBERTO, provavelmente fazia isso para libertá-lo do mesmo.

JENSEN - Não existia outro caminho para tal; contradizê-lo acabaria com todas as possibilidades.

FREUD - Se Zoe for a pessoa indicada para esse trabalho, sem dúvida logo aprenderemos como curar um delírio como o do nosso herói...

JENSEN -... e também teremos a satisfação de saber como tais delírios têm início.

FREUD - Seria uma coincidência estranha - mas ainda assim, nem inédita nem isolada - se o tratamento do delírio coincidissem com a sua investigação, e se viesse à tona a explicação de sua origem...

JENSEN – Mestre, Se assim for, começaremos certamente a suspeitar que o nosso caso de doença possa acabar numa vulgar história de amor. Será?

FREUD - Não se pode desprezar o poder curativo do amor contra um delírio - e acaso a paixão do nosso herói pela sua escultura da Gradiva não possui todas as características de uma paixão

amorosa, ainda que paixão amorosa por algo passado e sem vida?
Através de um objeto?
JENSEN – Um feitiço?
FREUD – Um fetiche?

CENA XI

(Um pio de pássaro. Freud e Jensen ouvem a sucessão de pios e saem. NORBERTO descobriu no chão o objeto branco que tinha sido deixado por Gradiva; um caderno de esboços, com desenhos a lápis de Pompéia. Tais desenhos aparecem no telão.)

NORBERTO - Ninguém esquece alguma coisa sem uma razão secreta ou um motivo oculto. *(ele procura pelas ruínas / Na parede do pórtico onde Gradiva desaparecera)* Ela Pode ter passado por essa fenda. *(anda à esmo pelas ruínas)* Qual seria a natureza corpórea de Zoe-Gradiva. Sentirei alguma coisa se eu tocar na sua mão? *(entra HOMEM IDOSO, vestido de pesquisador. O indivíduo vira-se para NORBERTO).*

HOMEM IDOSO - *(um sotaque pesado)* O senhor também está interessado no *faraglionensis*? Eu não acreditava, mas é provável que, além das ilhas Faraglioni perto de Capri, também ocorram no continente. O método inventado pelo nosso colega Eimer é realmente muito bom. Já o utilizei várias vezes com excelentes resultados. Por favor, fique bem quieto... *(o pesquisador calou-se e colocou um laço feito de longo talo de erva em frente a uma fenda nas pedras).*

NORBERTO – O que é que procura?

HOMEM IDOSO – Procuo um lagarto. E se não achar, procuro uma borboleta. Tudo o que muda em outra coisa a mim me interessa. Mutantes e miméticos. *(pausado)* Transformações.

NORBERTO – É quase inacreditável que pessoas empreendessem longas viagens para chegar a Pompéia impelidas por propósitos tão estranhos e tolos.

HOMEM IDOSO – Todos nós? O senhor fala de nós dois? Mas, não sou eu que estou a procurar as pegadas de Gradiva nas cinzas de Pompéia. É o senhor. O que você não pode é ver uma irmã na mulher que ama. *(NORBERTO, estranha o comportamento do outro / do fundo, desliza para a frente e para a cena, a frente cenográfica de um hotel: 'Albergo del Sole'. O proprietário surge e mostra sua*

coleção de relíquias).

HOTELEIRO - Estive presente à descoberta, lá perto do fórum, de um jovem casal de namorados que, ao compreenderem seu inevitável destino frente ao Vesúvio, aguardaram a morte estreitamente abraçados.

NORBERTO – Isso é uma invenção fantasiosa de algum narrador imaginativo?

HOTELEIRO – Não, não. É verdade. Olha esse broche! (*imagem no telão*) De metal coberto de pátina verde, foi encontrado nas cinzas junto aos restos da jovem. Eles morreram em 79 depois de Cristo.

NORBERTO – Eu compro.

HOTELEIRO – Quer mesmo?

NORBERTO - Sim. (*paga, sai e vê as flores fúnebres numa janela. Olha no broche e o aperta, convencido*). Será que o casal encontrado perto do fórum eram GRADIVA e seu namorado? (*desiste do ciúme. Volta para o hotel. Senta-se. Ceia. Entra um casal. O mesmo que se beijava ardente cenas atrás. A moça traz uma rosa vermelha. Norberto fica nervoso. Recolhe-se. Dorme.*)

CENA XII

(Cenas de telão: *Passagem de tempo e o ambiente. Gradiva, sentada, confeccionava um laço de um longo talo de erva. Nesta cena, especialmente, moscas importunam NORBERTO. Moscas sempre por aí, nestas cenas das ruínas*).

GRADIVA - Por favor, fique bem quieto. Nossa colega tem razão, esse método é realmente ótimo e ela já o utilizou com excelentes resultados. (*um pássaro pia e GRADIVA o segue com os olhos e sorrisos. NORBERTO acorda. Sai e colhe rosas, leva o caderno de desenhos e o broche. Para em frente a uma CASA DEL FAUNO – outro cenário que desliza para a cena, lá o casal se abraça ardentemente. NORBERTO sai e encontra GRADIVA.*)

NORBERTO – Está sozinha? (*Foi com dificuldade que a jovem conseguiu fazê-lo perceber que ele colhera as rosas para ela.*) Você... você é a dona do broche verde? Você é a mesma jovem encontrada nos braços do amante no fórum?

GRADIVA - (*irônica*) Por acaso encontrou o objeto nel sole? Afinal, o sol faz coisas semelhantes. O objeto estava ao sol?

NORBERTO – Estou me sentindo um pouco tonto.

GRADIVA – Pois eu tenho a cura... compartilhe da merenda comigo. *(Ela lhe ofereceu a metade de um pãozinho que trazia embrulhado num papel de seda e comeu a outra metade com óbvio apetite)*. Sinto como se já tivéssemos compartilhado certa vez de uma refeição semelhante, há dois mil anos atrás, não recorda? *(silêncio. A jovem descansa a mão esquerda, sobre os joelhos e uma das moscas, pousou sobre ela. súbito, a mão de NORBERTO elevou-se no ar para se abater com vigor sobre o inseto e sobre a mão de Gradiva. Ele desce a mão. Ela grita)*. Perdeu mesmo o juízo, Norberto!

NORBERTO – Como é que você sabe meu nome? Eu não disse para ninguém, desde que cheguei a Pompéia. *(surge o casal amoroso, que constantemente afasta moscas)*.

MULHER - Zoe! Está aqui também? E em lua-de-mel como nós? Nunca me escreveu uma única palavra a respeito disso! Não sabia que tinha se casado *(NORBERTO foge)*.

GRADIVA – *(irritada com a intromissão / refeita)* Não. Não estou em lua-de-mel. Obrigada. O rapaz que acabou de se afastar abriga, como vocês, uma notável aberração. Parece acreditar que existe uma mosca zunindo em sua cabeça o tempo todo.

RAPAZ - Talvez todos tenhamos uma espécie de inseto aqui. Como entendo um pouco de entomologia, posso ser de alguma ajuda nesses casos. Inseto é comigo mesmo.

GRADIVA - Meu pai e eu estamos hospedados no Nel Sole. Alguma coisa também aconteceu com a cabeça dele, pois teve a brilhante idéia de me trazer, sob a condição de que me distraísse sozinha em Pompéia e nada exigisse dele. Eu disse a mim mesma que seria capaz de desencavar algo de interessante aqui, sem a ajuda de ninguém. Naturalmente eu não contava com a descoberta que fiz... isto é, não contava encontrar você, Gisa.

MULHER – O grande zoólogo caçador de lagartos.

GRADIVA - Bom. Preciso apressar-me, pois o pai me espera para almoçar no ‘Sol’. *(o casal sai. GRADIVA acompanha-os com os olhos e abanando as mãos. Ao fundo alguém passa furtivo entre as colunas. Gradiva caminha pelas ruínas com andar característico. Encontra NORBERTO, confuso e envergonhado, que andava sem parar, de um lado para outro, no pórtico do jardim)*

NORBERTO - (*grita sem ver GRADIVA*) Ela não é de Pompéia! Ela não é grega. Grega da Itália? Mas, não vou embora sem vê-la novamente. (*ele se vira e se vêem e se escondem sob um portal onde se lê CASA DE DIOMEDES. Chove.*)

GRADIVA - (*implacável*) O que tentou fazer com a mosca pousada em minha mão? (*ele se retrai*)

NORBERTO - Como alguém já disse, minha cabeça estava muito confusa, e devo desculpar-me por ter batido na sua mão, daquele jeito... não entendo como pude agir tão sem razão... mas também não entendo como a dona da mão, você... sabia do meu nome.

GRADIVA - Vejo que há coisas que teu entendimento ainda não alcançou, Norberto. Não posso dizer, porém, que isto me surpreendeu, pois há muito me acostumou com isto. Eu não precisava ter vindo a Pompéia para descobri-lo, e poderia tê-lo confirmado bem mais perto, a uns mil quilômetros daqui. Sim, a uns mil quilômetros daqui, do outro lado da tua rua, na casa da esquina. Na minha janela há uma gaiola com um canário. (*NORBERTO se espanta*) Naquela casa mora meu pai, FERNANDO BRILHANDA, o catedrático de zoologia. Não sabe?

NORBERTO - Então você... você é a senhorita Zoe BRILHANDA? Mas ela tinha um aspecto tão diferente...

GRADIVA - Se julga ser esse tratamento cerimonioso o mais apropriado, eu também o adotarei. Mas o outro sai mais espontaneamente dos meus lábios. Afinal eu não sou de literatura... sou um ser humano normal... Literatos são loucos... principalmente poetas... Não sei se meu aspecto era diferente em nossa infância, quando brincávamos juntos, ou nos atracávamos de quando em quando para variar. Mas se você tivesse se dignado a me olhar com atenção, pelo menos uma vez nos últimos anos, perceberia que há muito eu tenho a aparência de agora. (*pausa*) A brincadeira tola de me chamar de "*Backfisch*"... habituei-me a depender de vossa companhia e acreditava que nunca encontraria no mundo um amigo melhor. Eu não tinha mãe, nem irmã ou irmão, e para meu pai, uma cobra-de-vidro conservada em álcool, era muito mais interessante do que eu. Todos nós precisamos de algo para ocupar o pensamentos e o que quer que esteja ligado a eles. E isto é o que vós fostes para mim, então. Mas quando se tornou arqueólogo, descobri - deveis perdoar-me, mas na verdade esse tratamento

formal parece-me *demasiadamente* ridículo e, além disso, não se ajusta ao que quero dizer -, como estava dizendo, descobri que te tinhas tornado uma pessoa insuportável, que, no que me dizia respeito, não possuía olhos para ver nem boca para falar, e nem memória para lembrar-se de nossa amizade infantil. Sem dúvida foi por isso que me achaste agora com aspecto diferente pois, quando às vezes te encontrava em reuniões sociais - o que aconteceu ainda uma vez no último inverno -, tu não me vias e muito menos me dirigias a palavra. Não que houvesse nisso algo de pessoal, já que tratavas a todas igualmente. Para ti, eu era invisível, e tu, com teu topete que tantas vezes arrepiei em nossas brincadeiras, te mostravas tão maçante, tão seco e mudo como uma cacatua empalhada e ao mesmo tempo tão pomposo como um *arqueoptérix* - sim, é esse mesmo o nome daquele monstruoso pássaro antediluviano. Só de uma coisa nunca suspeitei: que entretinhas uma fantasia igualmente afetada, considerando-me também aqui, em Pompéia, como algo que fora escavado e que retornara à vida. Quando deparei contigo inesperadamente em minha frente, de início foi-me muito difícil compreender a incrível trama tecida por tua imaginação. Depois ela me divertiu e até me deu prazer, apesar da loucura, pois, como já te disse, eu não suspeitava isso de ti.

NORBERTO – Na infância eu não evitei as outras crianças. Eu mantive amizade com uma menina, inseparável companheira, repartindo com ela merendas e deixando-a arrepiar meus cabelos em brincadeiras violentas... Só... só me interessava por mulheres de bronze e de mármore. A amizade de infância, em vez de intensificar-se em paixão, dissolveu-se, caindo em esquecimento... por isso que, ao encontrar você, nem a reconheci. *(pausa)* Desculpa.

CENA XIII

FREUD – *(com dedo em riste)* Repressão!

JENSEN – Geléia! Eu quero geléia! Que tipo de chá sem geléia é esse, mestre?

FREUD – A geléia já vem, acalme-se. Gertrude é mestra em geléias

JENSEN – Eu não raciocino sem geléias.

FREUD – Atenção! Foco aqui... Não sabemos se o esquecimento de uma impressão está sempre vinculado à dissolução de seu traço

de memória na mente.

JENSEN – Minha cabeça está zozna...a geléia me dá energia.

FREUD – Podemos, certamente, afirmar que a ‘repressão’ não coincide com a dissolução ou a extinção da memória.

JENSEN – (*conformado e bufando*) Mas, a coisa reprimida, via de regra, não pode emergir da memória sem maiores dificuldades?

FREUD – Pode, mas sob a influência de algum evento externo, pode vir a ter conseqüências psíquicas que podem ser consideradas como produtos da modificação da lembrança esquecida.

JENSEN – Ah! O retorno do que foi reprimido deve ser esperado com particular regularidade quando os sentimentos eróticos de uma pessoa estão ligados às impressões reprimidas.

FREUD – Quem disse erótico, aqui?

JENSEN – Não é?

FREUD – É... mas eu nada disse. Depois me acusam de velho tarado.

JENSEN – Desculpe-me mestre... vamos continuar. Já que não há geléia, pelo menos o erotismo... A vida erótica de Norberto sofreu as investidas da repressão criando o sonho.

FREUD - ‘Naturam expelles furca, tamen usque recurret’. Oculto na força repressora, o que é reprimido revela-se, por fim, vencedor.

JENSEN - Caso típico de repressão na vida dos santos e penitentes. É assim que nascem as religiões? (*para dentro*) Geléia, por favor! (*para Freud*) Um monge ascético, fugindo certamente das tentações do mundo, volta-se para a imagem do Salvador na cruz, mas esta vai submergindo nas sombras, e em seu lugar ergue-se, radiante, a imagem de uma voluptuosa mulher nua, também crucificada. Não é?

JENSEN – O Pecado erguendo-se, insolente e triunfante, em diversas atitudes junto à cruz do Salvador.

FREUD – O que foi reprimido retorna, emerge, advém da própria força repressora.

JENSEN - (*para dentro*) Geléia! Camareira, traga geléia... de framboesa, de preferência! (*para Freud*) A matemática goza da reputação de desviar as atenções da sexualidade. Professores de matemática também são reprimidos sexuais, não é?

FREUD – Principalmente os de matemática. Lascia le donne e

studia la matematica!

JENSEN - Esquece as mulheres e estuda matemática.

FREUD - Mas o que me dizer desta frase: Dois corpos chocam-se, um com a velocidade de... etc. e num cilindro de diâmetro m , inscrever um cone...etc. Não será isso de uma libidinagem descomedida... Uma tara sem tamanho?

CENA XIV

GRADIVA - Me parece que delira, NORBERTO.

NORBERTO – Agora, eu me sinto liberto da cópia inadequada e distorcida que era GRADIVA. Agora eu me lembro de você... a alegre, bondosa e inteligente companheira de brincadeiras e namoros.

GRADIVA – *(um tanto irritada)* Você se refere ao fato de que alguém tenha de morrer para chegar a estar vivo; mas sem dúvida isso tem de ser assim mesmo para os arqueólogos. Eis aí um caminho um tanto tortuoso.

NORBERTO – *(um tanto altivo)* Não, refiro-me ao teu nome... BRILHANDA tem o mesmo significado que “Gradiva”, e quer dizer “alguém que brilha enquanto anda”. O sobrenome reprimido da menina que eu amei na infância.

GRADIVA – E que aparentemente esqueceu.

NORBERTO – Aquele casal – a mulher principalmente - me fez despertar um tesão...

GRADIVA – Pára de falar nisso ou eu vou embora. Parece que você já recuperou sua razão. Eu retorno ao Albergue del Sole, onde meu pai me espera para almoçar.

NORBERTO – Não te vejo mais?

GRADIVA - Talvez nos encontremos novamente em alguma festa na Alemanha... ou na Lua.

NOBERTO - *(afasta u'a mosca / beija Gradiva na face e em seguida nos lábios, passando à agressividade sexual que é o inevitável dever masculino na prática do amor. Ela corresponde e geme. Abraços. Envolvimento sexual ardente. Ela se liberta).*

GRADIVA - Preciso ver meu pai, senão ele morrerá de fome no Sole.

NORBERTO - Teu pai?... O que acontecerá se não for?...

GRADIVA – Não... não... acalme-se... Provavelmente nada. Não

sou um exemplar indispensável de sua coleção zoológica. Se o fosse, talvez não tivesse tão intensamente entregue meu coração. Se acaso meu pai encarar o assunto de outra forma, haverá um jeito seguro para nós. Você só precisará tomar um barco para Capri, capturar um *Lacerta faraglionensis* - ele poderia praticar a técnica no dedo mindinho dela - soltar o animalzinho em Pompéia e tornar a caçá-lo sob as vistas do meu pai, deixando-o escolher entre o *faraglionensis* do continente e sua filha. Que tal?

NORBERTO - Zoe... uma lua-de-mel na Itália, e em Pompéia. Quer?

GRADIVA - Ainda não me sinto suficientemente viva para tomar tal decisão geográfica. *(caminham para sair)*.

NORBERTO – Anda um pouco à minha frente.

GRADIVA - *(ergueu-se, sensualmente anda, característica, sob o olhar sonhador de Norberto)*. Eu disse a mim mesma que seria capaz de desencavar algo de interessante aqui, sem a ajuda de ninguém. Eu não contava com a descoberta que fiz... *(diminui-se a velocidade da cena NORBERTO-GRADIVA, enquanto – concomitante - se desenrola a cena XV, NORBERTO E GRADIVA se despem muito lentamente / começa a chuva / uma pequena brisa / algum a fumaça colorida de azul / cria-se uma parede em câmera lenta / O telão lança imagens de Pompéia nova e bela, recriada para antes da explosão do vulcão, de Gradiva andando nas ruas da atualidade filmada / No proscênio FREUD e JENSEN dialogam)*.

CENA XV

(come a geléia)

JENSEN – *(lambendo os dedos)* Por que Pompéia?

FREUD – A cidade enterrada. *(abre os braços)* É uma fortíssima imagem mundial de algo que pode ser ainda desvelado, retirados os véus do mistério, pode ser dada à luz, novamente, com um trabalho de pás e picaretas.

JENSEN – Claro.

FREUD – Quando investigamos os sonhos reais de uma pessoa real, temos de examinar atentamente seu caráter e sua história, investigando não só as experiências que antecederam seu sonho, mas também as de seu passado remoto.

JENSEN - Acredito até que ainda não estamos prontos para nos

dedicarmos à nossa tarefa original.

FREUD – É, ainda, necessário que examinemos mais demoradamente a história a fim de efetuar outros trabalhos preliminares.

JENSEN– (*enfiando os dedos no copo de geléia finalizado*) Uma peculiaridade do andar.

FREUD – Ela brilha ao andar.

JENSEN - O delírio pertence ao grupo de estados patológicos que não produzem efeito direto sobre o corpo, mas que se manifestam apenas por indicações mentais.

FREUD - As 'fantasias' ganharam a primazia, transformando-se em crença e passando a influenciar as ações.

JENSEN - Quando alguns pensadores tentam refutar a existência de um inconsciente desse tipo, taxando-o de insensatez, só podemos supor que nunca se ocuparam de fenômenos mentais desse gênero.

FREUD – Evidente... estão sob a influência da experiência geral de que tudo o que é mental e se torna intenso e ativo, torna-se simultaneamente consciente.

JENSEN – Eles ainda têm de aprender que existem sem dúvida processos mentais que, apesar de serem intensos e de produzirem efeitos, ainda assim permanecem afastados da consciência.

FREUD - Tudo que é reprimido é inconsciente, mas não afirmaremos que tudo que é inconsciente seja reprimido.

JENSEN - Agora eu entendo... A característica de algo reprimido é justamente a de não conseguir chegar à consciência, apesar de sua intensidade.

FREUD - Portanto, no caso de NORBERTO a partir do momento em que surge o relevo, passamos a nos ocupar com alguma coisa inconsciente que está reprimida.

JENSEN - ...ou, mais simplesmente, com alguma coisa reprimida.

FREUD - Só os sentimentos têm valor na vida mental, meu caro.

JENSEN - Nenhuma força mental é significativa se não possuir a característica de despertar sentimentos.

FREUD - As idéias só serão reprimidas porque estão associadas à liberação de sentimentos que devem ser evitados. O teatro é assim.

JENSEN - Seria mais correto dizer que a repressão age sobre sentimentos?

FREUD – Seria... mas, só nos apercebemos destes através da sua associação com as idéias.

JENSEN – A fantasia de Norberto transportou-o para Pompéia...

FREUD - ...não porque sua natureza serena e tranqüila assim o exigisse, mas porque em sua ciência ele não pôde encontrar uma analogia mais apropriada para seu singular estado.

JENSEN – Então... tomou conhecimento de suas lembranças de uma amizade de infância, embora através de obscuros meios de informação. Associou tudo...

FREUD - Após ter feito sua própria infância coincidir com o passado clássico...

JENSEN - ...o que era muito fácil para ele...

FREUD - ...houve uma analogia entre o soterramento de Pompéia...

JENSEN - ...que fez desaparecer o passado, mas ao mesmo tempo preservou o passado...

FREUD - ...e a repressão, de que ele tinha conhecimento. O erotismo pisado sob as leis da sociedade e da igreja de sua época.

JENSEN - *(mergulhando a faca na geléia e retirando a gosma vermelha cobrindo toda a faca)* O erotismo que querem chamar de sujo.

FREUD - Como dirá, no futuro, um importante escritor, não há perversão maior do que a abstinência sexual.

(ao terminar o diálogo NORBERTO E GRADIVA estão nus e GRADIVA se senta no colo dele. Freud e Jensen olham para o casal).

DESVANECE A CENA LENTAMENTE

FIM

“AS BRUXAS”

Colagem, releitura, desvirtuamentos, baseados em textos de: Shakespeare, Joseph Ratzinger, Paulo, AlCorão, Natália Correa, Confúcio, Tertuliano, Leonor Pedro, Jean Markale, Riane Eisler, Reich, Robert Brown,

Pode-se usar o sistema coringa para todas as cenas compatíveis.

PARTE UM

(deve se referir a uma época bárbara, arcaica, cenário rude, cheio de atrativos e ornamentos coloridos. Totens. Sugiro grandes bandeiras tribais espalhadas / fogueira no palco / Sugiro incenso aromático e uma iluminação em que predomine o azul e o branco. O colorido maior fica por conta do figurino selvagem. Música livre sem formato rigoroso / dissonâncias).

Homens: *(aos gritos desesperados)* Mater Tellus, Mãe da Terra, rodeada pelos símbolos da abundância. Mãe da Natureza viva. Tudo que sai do seu ventre, ao seu ventre retorna. Tudo pode conceder de quanto eu pedir e nos meus sinceros agradecimentos eu faço homenagens com água.

H: A Deusa dá e a deusa tira.

Mulher: Eu sou capaz de paixão infinita e de total aniquilação.

M: Virgem mãe e amante. Domadora de vendavais e senhora das horas vivas.

H: Você tem dez mil homens. E dez mil nomes. E dez mil formas de dominar.

M: Rainha dos Céus! Alma mestra da Escuridão!

M: Senhora das coisas selvagens! Madona das fontes de leite!

H: A primeira e a última! Aquela que está no começo, dando à luz a própria luz!

H: Aquela que é honrada e que é desprezada!

M: O que vocês podem esperar que ocorra num espaço

completamente vazio?

Homens: (grita) Sakti! Sakti!

M: É um nome para energia! Sakti! Sakti! Jorra do peito uma luz violeta!

H: Sakti! Quem é você?

M: A forma da imensidão! O início de todos os rituais!

M: O prazer da vida e da humanidade!

H: No princípio o mundo não tinha forma e estava vazio. *(Mulheres dançam, a música bem percussiva, pouca flauta e pouca corda)*.

H: Era chamada por Eurínome. Viu que estava sozinha e dançando pôs o ar em movimento. Do movimento veio a serpente que fecundou nossa mãe.

H: E dividiu a semana em sete dias e sete noites.

M: Fecundado sem parar o deus teve que descansar, enquanto que a deusa continuou, incansável.

M: Generosas formas. Tanto das Vênus quanto das mães. As formas servem para conter. Receber e tomar. Ocupar o vazio das formas.

H: Cantarei a Geia *(um dos homens canta à capella uma melodia de escolha árabe)* bem fundada Mãe de Tudo.

M: Carrego as foices que lembram a Lua e que lembram o sangue vertido.

M: Vocês têm medo do meu sangue.

H: Não! *(alternadamente os homens negam com veemência, aos gritos crescentes)*.

M: Vocês têm nojo do meu sangue! *(ela toma do sangue de entre as pernas e leva para o rosto de um deles)*. Nojo!

H: Não! Não é verdade! *(mesmo jeito)*.

M: Quando o sangue sai significa que a semente não foi plantada.

M: Que nada será gerado. *(enfia a mão com sangue na boca do H)*

M: Que o homem não terá descendentes.

H: Não é verdade! Só não temos esse costume... !

M: Pobre Onan! Prefere a própria mão em vez de me tocar durante a Lua!

H: Cibele dos Animais! Vem! Eu existo para você!

M: Cala! Pequeno símio desprezível!

H: OH! Rainha minha, Rainha do Universo!

H: Rainha que abarca o Universo; que de longos dias desfrute o rei

no teu regaço.

M: Não é você o Rei! (*uma pausa de perplexidade*)

M: Vocês são símios. Até acreditam que – um dia - haverá punição divina!

M: Vocês são bestiais! Não sabem do prazer e nem sabem da morte!

M: São beatos e sacerdotes eunucos! Cópia mal feita dos deuses!
Sem o gozo da carne!

H: (*medroso*) Que mais árvores você quer que eu plante no jardim?

M: A figueira é para Ishtar!

M: A palmeira é a morada de Astarté!

M: O salgueiro é o emblema virginal da Hécate!

Todas: Para nós bastará o tronco enraizado no meio de suas pernas!

H: Você é a Criadora de Todas as Coisas!

M: (*abraçando H*) Modela minha cintura com suas belas mãos, pastor, enche meu regaço de leite e creme... esfrega os meus pelos púbicos com a força de seus lábios, rega o meu ventre.

H: Assim você me faz sofrer!

M: Pousa suas mãos na minha sagrada vulva, acaricia-me no meu leite.

H: É a sua sagrada imagem, Deusa Tiamat...

Homens: Tiamat! Tiamat! Sou todo seu.... Tiamat! (*saudações alternadas, intensas*)

M: (*se afasta brusca de H*) As pressões dos Patriarcas podem me fazer perder sangue e menstruo nos meus dias mais quentes...

H: Os Patriarcas vieram para destruir as obras da Mulher!

M: Eles se dizem filhos da luz!

H: São presunçosos. Mas são preguiçosos.

M: Sabem que a mãe não é mãe do filho que chamam seu! É, apenas, zeladora que se encarrega do crescimento da jovem semente plantada.

H: (*meio que rindo*) Sei de homens para o lado dos Camarões que estão grávidos!... Ou acham que estão. A dúvida persiste! (*ri sem graça*).

M: Ideal seria um batalhão de Palas Atená, donzela sem mãe, armada como guerreira. A lança como seu pênis altivo.

H: Mas quando Palas Atená se liga a Anat...

M: Anat... Anat... Anat... É o poder destrutivo da deusa... aí penduraremos o seu tarugo (*tenta pegar de brincadeira o pênis do H, que se afasta assustado*) como troféus.

H: Seremos eunucos...

M: Se sobreviverem... sim, serão eunucos...

H: É preferível a morte...

M: Mas, ainda poderão enxergar...

H: Você se alegra com os lamentos das castanholas...

M: Eu choro e rio...

H: ... dos lamentos das flautas, dos timbales ou com o uivar dos lobos ferozes.

M: Lembra sempre de nunca me cobrar de coisa alguma. E, cala, símio covarde!

H: Mas, não sou eu... esta é a minha condição masculina.

M: Eu sou a dona das coisas. A que faz e desfaz... o prazer(?)... é todo meu.

H: É... que você nos confunde.

M: Confundirei toda a humanidade. Acreditarão serem filhos de bondosa mãe.

H: O que fizermos à Terra, a nós estaremos fazendo.

M: Não caberá ao Homem fiar o tecido da vida.

H: O que se fizer ao tecido, a si próprio fará. (*ele pára e a observa. Ela está sorridente e dona da situação*). É tão bela, mesmo tão bela... ela é o espírito interior da Terra.

H: Ela é a força corpórea da Terra!

H: É a sua força. É Geia! É Gaia! É a Mater Tellus. Ovo telúrico! Ovo terreno!

M: Os pensamentos da Terra são os meus pensamentos. Tudo que pertence à Terra a mim pertence primeiro.

H: Ela é a sagrada palavra da Terra... tão bela... mesmo assim tão bela...

M: Suave é o aroma dos unguentos que saem de mim.

M: Cremes e sucos que atingem a sensibilidade do símio.

M: Dos nossos amores vocês se lembrarão mais do que lembram dos vinhos?

H: Estamos prontos para nos introduzir nas suas recâmaras, nas suas covas...!

M: Então deverei acreditar que o símio sabe manejar a espada, que

sabe manejar o cetro olímpico dos heróis?

M: Será isso possível de se acreditar numa façanha como essa?

M: O Espírito do Vale nunca morre. Chama-se Misterioso Feminino.

H: Cabelos negros. Largos ombros.

H: E um rosto sorridente.

H: Você é a mulher dragão! (*H se aproxima e rapidamente rasga a parte debaixo da roupa*) Onde está o seu delta maldito?

M: O triângulo é o meu triplo aspecto da jovem, da mulher e da velha. Como você pode ver, estou na minha plenitude. Estou apta a carregar sementes e fazer escravos.

H: Você tem a força da serpente.

M: A força da serpente, não se engane, é a grande benção maternal que reafirma a vida. Serpentes e seraphins são o projeto da vida na Terra.

H: A serpente é a imortalidade, agora eu sei...

M: Sabe nada... É a imortalidade pois possui o Dom de todos os anos se desfazer da antiga pele e renascer renovada. A Deusa se desprende de sua pele interna uma vez por mês. Justamente daquilo de que você tem nojo. Sempre renascemos. (*Nesse momento M – à escolha - pinta seu rosto de vermelho e traça riscos brancos desde os olhos. Três riscos descendo para as bochechas. Coloca um colar de búzios e outros colares coloridos. É um ritual. Música e uma dança no local sugerindo preparação de algum culto. As outras se movem nesse sentido*).

M: A mulher se enfeita. Cobre seu corpo com adornos. Inventa o cosmético.

M: O Cosmos, no sentido da Harmonia, da ordem ou da pessoa que gosta da ornamentação. (se aproxima de H que, sempre covarde, se afasta, e oferece para ele os peitos, pegando-os por baixo deles e levantando arrogante).

M: Esse é o leite da sabedoria. Desde a Vênus de Laussel nós sabemos que ela carrega na mão o chifre em forma de meia Lua, manchado de vermelho e cortado em treze linhas.

M: Desde esse tempo sabemos que o décimo quarto dia depois da Lua da Mulher nós nos tornamos doadoras de vida e senhora dos mundos. (*H se aproxima para mamar, mas, novamente, M se afasta e ele cai de borco, sendo deixado de lado*).

M: (*solene e oratorial*) Essa é a Mulher verdadeira. A grande

heroína da humanidade. Não há mulher se não houver concepção com sangue vertido, se não houver qualquer relação com a Lua, ou com homens. Nos aproximamos do sagrado quando damos à luz. O nascimento traz o germe da morte. Ou seremos meros receptáculos ou seremos as deusas dessa Terra.

H: Uma mulher que só pertence a si mesma. Artemísia. (*M se aproxima do proscênio e se abaixa, meditando, profundamente absorta, enquanto H vem por trás*).

H: Aparece sempre como virgem uma mulher que pertence sempre a si mesma.

M: Eu posso reunir os animais ao meu redor. Posso uivar como os cães e lamber os pêlos como os gatos de vida noturna fazem.

H: O leão e o unicórnio podem ser seus amigos... sei... sei (*H não dá muita trela para a fala de M*). As borboletas são produtos da saliva de vocês. Até dá para acreditar.

M: O meu manto e meu corpo podem ser o reduto e refúgio das feras...

H: (*por trás, de manso, tenta pegar um seio*) Sei... Sei... o leão e o unicórnio... quem sabe um tigre e um castor... ou uma anta...

M: Os animais do céu da terra e do mar rendem homenagens a mim! (*ela toma a mão de H, Lentamente, leva à boca e morde. O H grita muito e chora*).

M: os filhos da minha mãe se indignaram contra mim só por eu estar morena.

H: Você está formosa com esses enfeites. Eu comparo você às éguas dos grandes Reis.

M: Enquanto o Rei está assentado à sua mesa...

M: E não é você o Rei, fique sabendo.

M: Enquanto o rei está assentado à sua mesa... o meu nardo... o meu quente nardo exala seu perfume. E o rei nada mais será que um pouco de mirra posto entre meus seios.

H: Os nossos frutos. Vocês não querem provar dos nossos frutos?

M: Nós nos assentamos à sombra mas, queremos o estandarte sobre nós.

M: Um dos muitos dons da Deusa é o poder de transformação.

M: Transforma o gozo em semente. E a semente em novos deuses.

M: E a capacidade para adotar as formas animais.

M: Em um momento é serpente. Em outro é uma loba no cio.

H: Sobretudo serpentes. Da cabeça ao rabo. Serpentes emplumadas.

M: Adotamos as moradas dos altos, dos montes, dos picos, para ditarmos as formas do mundo.

M: Eu acredito que bastará o som das nossas vozes e as aves voarão!!

H: Vocês são jardim fechado. Dois seios como duas crias. Devem ser acariciados. Devem ser beijados e fazerem faltar o homem.

M: Não vejo homens por aqui. *(pausa)* Só vejo símios. Decadentes símios.

M: Somos o trono do mundo. Por isso os homens sempre querem trepar sobre nossos corpos.

M: Para se sentarem em seus tronos.

H: Como assim?

M: Muito fácil. Quando nos abrimos a cabeça do homem se enche de orvalho. É o bastante?

M: Além disso o nome da Grande Rainha Isis significa, literalmente, trono.

H: E os Reis sempre querem subir ao trono...

M: ... retornando ao regaço da deusa. Retornando ao útero que o gerou.

M: Mas, não vejo reis... aqui só vejo símios. Macacos nus.

H: Ao mesmo tempo que eleva... destrói.

M: O Homem mete a mão através de uma fenda sanguinolenta e o nosso coração pode ou não se encher de amor. Será também o bastante?

M: *(crescendo de raiva. Música muda de tom. Torna-se pesada e densa)* Quando a Deusa é Rangda Balinesa, portadora da Morte, os homens sucumbem ao seu feitiço e tentam empalar-se a si mesmos nas afiadas adagas.

M: Rangda Balinesa dos mil açoites... Ela abre e fecha os úteros.

M: Rangda Balinesa das danças noturnas... Ela suga e engole as espadas.

M: Rangda Balinesa a domadora de vendavais... Ela tira as sementes. Ela suga as sementes cortando o poder dos demônios masculinos.

M: Principalmente quando não se é mais permitido fecundar. Ela espreme o falo de Mahisasura com a boca e arranca suas

sementes, à força, cuspendo, para longe o líquido inútil. *(passa a correr pelo palco, aos berros)*.

H: *(ele a observa)* Corre como uma Bacante! Corre como uma Mulher Selvagem sem espanto no coração! *(sempre amedrontado)*.

M: Tudo nasce da Mulher! Inclusive os Deuses nascem de mulher! Falamos sempre do Criador, mas de onde saiu o mundo? Ninguém responde, porque os Patriarcas não permitem! E não sabem!

M: Talvez o Criador seja uma Deusa! Mas, ninguém responderá! Ninguém falará sobre isso. Tudo nasce de um ovo! Um ovo primordial!

H: *(vem ajoelhado, submisso, se aproximando de M)* Terra... pela qual é longa a vida, pela qual sou longa vida ao cantar... Céu... pelo qual é longa a vida, pelo qual sou longa vida ao cantar... Foi de novo abençoado., Foi de novo abençoada!

(H para e olha para M, com ar pedinte. M o olha. Pausa. Então, M vem como quem vai acariciar e desce uma tremenda bolacha em H, e sai).

PARTE DOIS**CENA UM**

(cena urbano)

(Pastor pregando nas ruas)

P - Que as mulheres estejam caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar. Se querem instrução sobre algum ponto, interroguem em casa os seus maridos.

MULHER - Para que serve um marido?

P - Mulher, tu és a porta do inferno, foste tu a primeira a violar a lei divina, a corromper aquele que o diabo não ousava atacar de frente; tu foste, na verdade, a causa da morte de Jesus Cristo.

M- Jesus andava com mulheres. Havia solteiros e casados naquela turma de vadios das ruas.

P- Aprende definitivamente. Os homens são superiores às mulheres porque Deus lhes outorgou a primazia sobre elas. Portanto dai aos varões o dobro do que dai às mulheres.

M- Além de comerem as mulheres ainda comerão mais alimento do que nós?

P – Cala! Os maridos que sofrerem desobediência de suas mulheres podem castigá-las: deixá-las sós em seus leitos, e até bater nelas. Essa é a lei.

M- Primeiro tem que enfrentar o meu braço.

P - Não há nada pior para o homem, nem maior calamidade que a mulher.

M - A carruagem da masculinização, que trouxe numa mesma braçada o racionalismo religioso e o positivismo científico, provocou a dessacralização da sexualidade e a redução do eros a um festim corporal – se é que ainda é festim!

M - A pilhagem dessacralizante da Mater, aconteceu há muito, desde os primórdios da nossa civilização; tudo aconteceu em detrimento da mulher e do Princípio Feminino.

M - E é essa pilhagem do ser da mulher a que assistimos ainda hoje, nos tempos modernos... Pilhagem e violação.

P - A mulher pode e deve ser perseguida e explorada pelos patriarcas do deserto. Pelos padres cristãos. Pelos líderes de todas as ideologias e chefes religiosos de todas as seitas. A mulher é quase sempre objeto de escárnio e ódio por parte dos homens em geral.

P - A mulher é a fonte do mal e do pecado, a mulher é suja, a sua natureza é fraca.

P – A mulher é um lixo.

M – Quando o homem trepa ele descarrega a sua raiva ou a sua frustração sobre nós como se nosso corpo fosse um contentor de lixo.

P – A mulher é obra do demônio!!

M – Se é apenas o extravasar de uma espécie de ódio e frustração social e humana, somos duplamente vítima...

(Homem bate na mulher)

M - Bêbado! *(apanha)* Não tenho culpa se ganha mal.

P – Mas tem culpa por reclamar. Por pedir mais. Por exigir o que não tem.

M – Não tenho culpa se o gerente te fode todo dia...

M - Eu quero mais, mas você nem me deixa sair na rua. Eu posso trabalhar!

P – Mulher minha fica em casa. *(levanta a mão para bater).*

M - Quero sair daqui.

P - Não quero falar no patrão... chega desse time que não ganha nunca... chega!

M - Se pelo menos valesse alguma coisa na cama! *(apanha)* A frustração é sua, mas, quem paga sou eu.

P- Cala tua boca! Histérica! Louca.

M - Sou histérica, sim, e faço e digo das coisas mais estranhas. Dou a volta para morder a minha própria cauda, a minha própria bunda...

P- Você não fala coisa com coisa (*bate*).

M- Talvez a verdade da vida e do viver resida nas estranhas coisas que fazemos e dizemos quando estamos histéricas.

(*o homem batendo*)

P – Bater é sagrado! (*repete indefinidamente*).

CENA DOIS

(*muzak ou música de elevador*)

(Psicanalista explica) - A guerra entre Eva e Lilith alastra-se e atinge outro nível. Eva pode ter suas necessidades satisfeitas numa relação. Lilith não pode. Ela tem de fugir. Ela não aceita a dependência nem a submissão. Ela não será acorrentada nem enjaulada. Ela precisa ser livre, mover-se e mudar. Sentir-se livre. Ela é o aspecto do ego feminino individualizado que só pode desenvolver-se no deserto, sem relacionamentos, sem Eros e sem filhos.

paciente – Eu não quero ser submissa. Eu não quero ser obediente ao marido.

Psi- Mas ele quer.

Pac – Ele quer. Ele exige!

Psi- Estes dois aspectos, a mulher submissa e obediente ao marido, e a mulher que se quer livre e viver de acordo consigo mesma, mostra você como Mulher cindida, dividida. Um ser metade.

Pac- E quem faz isso?

Psi- A sociedade patriarcal, e que na realidade se confrontam e lutam e tem ciúmes entre si nas situações opostas que ocupam na sociedade, agravando essa separação e criando antagonismos perniciosos para a própria mulher que vê na outra uma sua rival.

Pac – Mas ela era mais empinada. Acho que era silicone puro.

Psi – Nenhuma mulher se concebe ou se vê inteira, como se cada mulher se dividisse em duas e cada uma para seu lado, eternas inimigas uma da outra, uma pomba, outra serpente...

Pac- Duas mulheres para cada mulher?

Psi – No mínimo. Duas mulheres que vivem em um só corpo.

Pac- Ao mesmo tempo?

Psi - ... uma imaculada e esposa e santa e a outra desgraçada, prostituta e marginalizada ...

Pac – Muito difícil de entender.

Psi – Na realidade, minha querida... na realidade, é inconcebível, haver dois tipos de mulher e inimigas uma da outra... Tudo porque Deus criou a Mulher, e, o homem criou a puta...

Pac- Eu sou a puta?

Psi – Temos que trabalhar na sua mente para acabar com essa cisão... acabar com essa divisão... temos que integrar as duas (três, sei lá quantas) mulheres (e deusas e bruxas e harpias), na mulher livre e consciente que sabe que ela é uma só e, a sua natureza é una e reúne todos os aspectos da sua feminilidade essencial, sem negar parte nenhuma do seu ser.

CENA TRÊS

(hino evangélico bem ridículo / na rua / Pastor com a bíblia na mão)

P - A mulher é o que há de mais corrupto e corruptível no mundo.

M1 – Ele fala assim por que deve ter nascido de alguma chocadeira.

P- Não permitamos que o terror nos faça perder a segurança.

Temos que preservar os velhos esquemas das éticas religiosas, políticas, e sociais

M2 – Juntas e unidas para acabar de vez com a costela de Adão

P - A mulher realmente mulher, iniciada nos mistérios do amor e da maternidade, nos mistérios da sua “carne” seja qual for o grau do Eros verdadeiro onde são vividos.

M3 - O que acho é que tanto tempo de opressão nos deixa tão rebelde ao encerramento nas prisões do racional, tão prostrada quando amarrada pelas algemas da lei!

M4 - A escola é masculina... e a escola nos deforma... Pessoas tão inteligentes e tão válidas não vêm que todos somos vítimas do mesmo erro, logo ao nascer, se somos homens ou mulheres, nessa divisão inicial bárbara da mulher em inferior e feita escrava e vendida como objeto sexual.

M3 - Não vêm que a Humanidade é apenas uma metade vigente?

Que a separação da raça em espécies e classes, e, a divisão dos sexos começou com a divisão da mulher em duas - como digo aqui tantas vezes - entre a *santa e a puta*, causa de todas as diferenças

porque cada uma dessas mulheres gera filhos diferentes: uns são filhos do Pai ou filhos da mãe ou da puta...?

P - Porque a Mãe deve ser casta e submissa ao marido e à instituição casamento... portanto, nunca infiel... porque se o for será morta à pancada, ou apedrejada nas ruas...

M2 - Tudo porque a Mulher não tem identidade. Muitas vezes, nem é senhora de si, mas subalterna e despersonalizada face ao Estado e à Religião que a converte em fêmea reprodutora, objeto sexual e a Igreja em pecadora e anátema...

M1 – Puta é como chamam a Mulher Livre ou independente que não se submeteu à instituição do casamento...

M3 - ... ou que sendo pobre é eventualmente forçada a vender o seu corpo, ou que o faz como opção degenerada, gerando filhos que são ilegítimos à face da lei...

M1 - ... os bastardos...

M3 - os bastardos nascem ricos e pobres e se fazem uns bons e outros maus ou marginais...

M4 - Não é melhor uma Nova Ordem? Uma Natural Ordem do Mundo é que todos tenham uma Mãe Amante e respeitada e não uma pobre coitada, espancada ou anulada e desprezada pelos homens, inferiorizada pelas leis de políticos pederastas ou misóginos!

M2 - O triste filho de Medusa não pode vê-la, também não pode ser visto por ela. Esta mãe de mãos de bronze não pode acariciar, seu olhar paralisa, seus dentes de javali impedem que beije, mas quando poderia ser atingida pelo filho ela se torna divina, tem asas de ouro, é um alvo móvel.

M1 - Medusa incorpora para estas personalidades de estrutura depressiva o mito da mãe divina, vista pelo seu filho como a santa mãe, não gera filhos felizes, apenas trágicos. Não pode ser mulher, é santa. Medusa não o ama, fazendo-o sentir-se torpe e culpado pelo seu amor incestuoso. Como recurso ele a santifica para continuar amando-a e justificando a sua rejeição como forma de protegê-lo da sua própria torpeza. Desprovida como santa de instinto sexual, não pode falar ao seu filho da sexualidade feminina, não pode dizer-lhe o que é uma mulher.

M4 - Inacessível como santa, torna-se monstro. Monstro que é percebido pelo filho, mas, que se nega a ser visto como é. Medusa

não olha, não acaricia, não orienta. Paralisa. Não é por acaso que o sentimento da depressão é a inércia, a perda da vitalidade. Como se tivessem transformados em pedra pelo olhar da mãe os filhos de Medusa erram pela vida sem espelhos que traduzam sua imagem. São monstros cuja criatividade afogada na pedra de suas almas precisa ser libertada. Precisam encontrar um espelho e que lhes diga quem são ou pelo menos quem não podem ser.

P- Qual a mãe que não ama seus filhos? Toda mãe é uma santa.

M2 – Os ortodoxos da Igreja, sufocam e destroem impiedosamente o Princípio Feminino...

M3 - ...Perseguindo sacerdotisas e as seguidores do culto da Deusa Mãe e da Natureza...

M1 - ... enquanto apagam as referências históricas sobre a esposa de Cristo e o evangelho de Maria Madalena.

M2 - A tentativa de Cristo e dos seus mais fiéis discípulos de restaurar o equilíbrio perdido, entre a Terra e o Céu, "estão presentes na história, nas artes, na literatura, nos simbolismos medievais e na mitologia," mas olhados como mitos e histórias sem nexos.

P- Foi preciso destruir a Deusa Tríplice e entronizar o Deus Trinitário, porque a integração e a interação das três faces da mulher está impedindo a visão dualista de bem e mal! Temos que quebrar a mulher em duas... fragmentar as mulheres... a santa e a puta... reprimir a mulher e controlá-la através dos dogmas da "pecadora e da imaculada concepção".

P – Santificadas as devotas a Cristo. Pecadoras as pagãs que adoram a Deusa.

M3 – Perdemos o dom da cura!

M4- Perdemos o acesso ao mistério!

TODAS - Perdemos o poder de interpretar o Oráculo!

CENA QUATRO

(música new age percussiva / lírica)

M1 - Sem ti, mãe, sou uma sombra de mim não sou ninguém / Vou minguando com a lua e desapareço na noite escura como louca varrida a praguejar. Não te ver e tocar / converte-me a todo o mal! Sou a bruxa endemoninhada que anda de vassoura a rir de escárnio do ar.

M2 - Sou o súcubo que cobre o macho perdido nas noites de luar,
M - sou a megera que devora criancinhas e as rouba às mães para matar...

M3 - Sou a serpente alada que deita fogo da boca e incendeia as casas, a cadela que ladra de raiva....

M4 - Lilith que se intromete o casal e o desfaz.

M1 - Sou Perséfone perdida nos infernos à tua procura, no mito de te encontrar!

M3 - Senhora, sem ti sou promíscua, infame, venenosa e má!

M2 - Rasgo as estrelas do teu manto com unhas escarlate, uivo como uma loba e sou o vampiro das lendas, que destrói túmulos e cemitérios e caça donzelas nos umbrais.

M4 - Sem ti, mãe, sou uma sombra de mim não sou ninguém!
E enquanto a tua visão ou aparição não me iluminar, eu serei apenas a louca varrida, ou, mais tarde, a velha desgraçada bêbada pelas ruas a murmurar impropérios / perseguida pelas pessoas ignorantes / suja, apedrejada!

M3 - A Mulher, a Mulher autêntica, reintegrada a sua plenitude e poder faz medo a esses sub-produtos que são os homens numa sociedade paternalista.

P- O Eros quer-nos elevar, em êxtase, para o Divino, conduzir-nos para além de nós próprios, mas por isso mesmo requer um caminho de ascese, renúncias, purificações e saneamentos.

M2 - Na verdade, é uma obsessão católica sempre contra a natureza... reprimir a natureza humana.

M1 - Os homens que se crêem os dominadores do mundo e os reguladores da ordem estabelecida não imaginam nem por um instante que o seu poder não é senão passividade e que o poder da mulher, que eles desprezam (mas de quem também duvidam e invejam), é o poder ativo.

M4 - Assim se explica que em certas línguas que conservaram a memória das épocas anteriores, a germânica, a celta e a semítica, para só falar dessas, o sol seja feminino e a lua masculina.

M2 - É neste espírito que inúmeros cultos atestam a feminilidade do padre. O padre veste, sobretudo para as cerimônias, um hábito claramente feminino, com adereços e enfeites e pavoneamentos... como pede a roupa de qualquer deusa pagã...

M3 - Poderá ser um componente homossexual?

M4 - O ritual dessas religiões teria comportado um certo número de atos relacionados ou não com a homossexualidade, sendo os homossexuais considerados como seres intermediários, assim como os loucos e as pessoas “alucinadas” ou bêbadas... dotados de poderes sobrenaturais?

M1 - Não parece que esta seja uma explicação satisfatória.

M2 - No entanto não podemos negar que a homossexualidade tenha sido expandida em todo o lado desde a mais alta antiguidade, e que fazia parte de rituais, embora sem esquecer antes de mais que se tratava de religiões de culto da Grande Deusa.

M1 - O homem primitivo invejava à Mulher o seu mistério, a sua ambiguidade fundamental, o seu poder de dar a vida...

M3 - ... o homem moderno porém esqueceu este desejo metafísico da Mulher Divina.

M1 - Esse desejo encontra-se no estado inconsciente em todos os indivíduos. Os poetas e os artistas os traduzem nas suas obras, os outros nos seus comportamentos aparentemente inexplicáveis ou simplesmente aberrantes como é o caso da imitação fisiológica e do fetichismo do vestuário.

M4 - O padre que oficia nos seus trajes de cerimônia, todos de origem feminina, e o travesti, castrado ou não, obedecem a um mesmo desejo. Destapar uma ponta do véu, desvelar o famoso véu de Ísis.

M2 - Á força de rejeitar o que a Feminilidade traz como solução à angústia do homem, cria-se em todo o caso uma humanidade perfeitamente neurótica.

M4 - Sem a Mãe-Divina, ou submetendo à autoridade de um deus-pai, desarticulou-se o mecanismo instintivo que fazia o equilíbrio inicial: daí as neuroses e dramas que sacodem as sociedades paternalistas.

CENA CINCO

(hino sacro tradicional / nas escadarias de um templo)

M1 - A experiência sagrada da Deusa em si mesma.

P- Ou se é uma boa mãe ou se é uma mulher má....

M2 – Ordens e idéia difundida pelos padres e pelos pais, e a mulher ouviu isso desde pequena e, não passa de um mito que a Igreja de Roma e outras que vieram depois impuseram ao mundo para

impedir a Consciência e liberdade da mulher.

M3- “Nossa Senhora de Fátima” é a Grande Deusa da Antiguidade que dava à mulher o privilégio de a representar em carne e osso e que o amor e a sexualidade eram rituais sagrados em sua honra.

M4 - Qualquer mulher rirá desta comparação ... mas, as devotas da nossa senhora são geralmente as mulherezinhas do campo e da cidade as mais desfavorecidas, ignorantes e cheias de preconceitos. Ninguém gosta de pensar nisto e ainda menos falar estas coisas.

M1 – É mais fácil falar em fé... cega, que gera a Justiça que também é cega...

M3- Porque a Mulher da Justiça tem os olhos vendados há séculos...

M2 - Repara como uma sociedade intelectual e política, “cultu”? se revolta contra o fato ilegal do ponto de vista do Estado laico haver nas escolas ainda a cruz negra da morte, a cruz do deus triste dos judeus, a anunciar o pecado do homens e a marcar a mente infantil do desastre a que está condenado desde a mais tenra idade...

M4– Sabe o que parece? Como se o seu pai tivesse morrido de desastre de automóvel e ficasse a sangrar, cheio de feridas, e a mãe tirasse uma fotografia e a colocasse lá na sala de jantar para os filhos não esquecerem a morte horrorosa do pai...

M2 – nada mais ridículo...

M3 – É isso mesmo... É isto que a religião católica quer mostrar às crianças: O pecado, vejam, a vossa culpa, a nossa ignomínia de seres humanos condenados à morte!!!

M4 – Pastores, padres, são uma espécie de aves agourentas da morte... pregam o sacrifício e o medo e não a alegria e a vida. Falam em defender a “vida” mas a única coisa que pregam é medo e morte.

M2 - E foi esse o fruto do seu ventre seco e alma vazia, porque lhes faltou a Mãe verdadeira e a Mulher Amante que os curasse das feridas e os consolasse das dores.

M1 - Porque a Mãe que conheceram estava condenada e prisioneira do pai e do patrão e da sociedade, era uma mulher amordaçada e sem direito às suas emoções e sentimentos próprios, anulada na sua vontade durante milênios.

M3 – Na verdade, se as beatas pudessem, castrariam os padres!

CENA SEIS

(sempre tambores)

Arauto *(bate o báculo três vezes)* - Primeira mulher cientista da história, nascida em Alexandria, cujo estúpido episódio de sua morte é considerado como marco do fim de Alexandria como centro de ciências, porém, esta brilhante mulher é hoje mais lembrada por seu martírio que pelos seus dotes intelectuais. Filha do também alexandrino, famoso filósofo, matemático e autor Teon de Alexandria, incentivada pelo pai estudou matemática e astronomia na Academia de Alexandria, onde se tornou professora. Após viajar pela Grécia e Itália, impressionando por sua inteligência, ficou famosa por todo o Mediterrâneo. Aos 30 anos tornou-se diretora da Academia. Escreveu comentários sobre trabalhos matemáticos conhecidos e produziu textos específicos sobre Diofante, Ptolomeu e Apolônio. Como inventora desenvolveu um instrumento para determinação do peso específico dos líquidos, um hidrômetro, e um astrolábio para uso em astronomia e navegação. Seu trabalho ficou conhecido através de sua correspondência com Sinésio de Cirene. Por causa de suas idéias científico-pagãs, como, por exemplo, a de que o Universo seria regido por leis matemáticas, foi considerada uma herética pelos chefes cristãos da cidade. A admiração e proteção do político romano Orestes, acirrou ainda mais o ódio do bispo Cirilo por ela e quando este tornou-se patriarca de Alexandria, iniciou uma perseguição sistemática aos judeus e seguidores de Platão. Perseguida foi retirada de sua casa, arrastada para dentro de uma igreja, cruelmente torturada até a morte e ainda teve seu corpo esquarterado e queimado. *(bate o báculo três vezes / tambores)*

M - Os monges cristãos cortaram Hipácia, barbaramente, em pedaços, usando conchas de ostra.

M – Em seguida... a queimaram... E tão completa foi a destruição de todo o conhecimento existente, incluindo a queima maciça de livros, que ela extravasou mesmo a Europa, chegando até onde quer que alcançasse a autoridade cristã.

M- Sob Teodósio, os cristãos, queimaram a grande biblioteca de Alexandria, um dos últimos repositórios da sabedoria e conhecimentos antigos. E, ajudados e abençoados por um homem

que mais tarde seria canonizado como São Cirilo.

M – Este Cirilo, bispo cristão de Alexandria dizia que Hipácia era uma mulher iníqua que chegara ao cúmulo de se atrever, contra os mandamentos divinos a ensinar e educar os homens.

P- Mulheres, e tudo quanto se rotula de feminino, são inferiores e tão perigosas que deviam ser estritamente controladas.

M – Mas, Jesus dizia que todos éramos iguais. Onde foi parar esse mandamento?

M- As mulheres sentiam um medo especial da Inquisição. Elas se arrependeram de terem dado padres à luz.

CENA SETE

Canto gregoriano feminino (madres)

P- Você é bruxa!

M - Não. Não sou. Sofrerei torturas especiais por parte do clero sedento de sexo.

M - O celibato clerical já está em vigor há 361 anos, tempo bastante para tornar os sacerdotes em verdadeiros desviados sexuais.

M – Pois quem não fode, quem sublima, é doente mental. A sublimação é a desculpa do incompetente.

M - Vivo com medo de que um dia, a partir do nada, eu seja acusada por alguém de ser uma bruxa; e, a acusação já é equivalente à culpa.

P – O que espera uma bruxa? Uma morte lenta sob tortura...

M - ... nas mãos de sacerdotes celibatários e com desvio sexual.

P - Veremos uma mulher condenada, acusada de bruxaria, será despida e forçada a engatinhar, diante da assembléia de doutos padres e do clero de plantão.

P – Depois irá para uma gaiola onde ela será colocada e pendurada para todos a verem e observarem sua conduta diabólica.

P – A bruxa perde seus poderes quando é suspensa do chão; portanto, quando os soldados da Inquisição prenderem uma mulher acusada de bruxaria, podem puxá-la fisicamente do chão e carregá-la à masmorra de confinamento.

Todos P – Graças a Deus!

P – Segundo o *Malleus Maleficarum* as bruxas têm uma "marca do Diabo" em algum lugar em seu corpo. Isso exige que o sacerdote

investigador faça ele mesmo uma inspeção minuciosa no corpo nu da mulher.

P - Essa inspeção será realizada em meio a um grupo de prelados e cardeais, forçados puramente a testemunhar essa "inspeção" por causa de seu ofício religioso!

P- Haverá uma guilda de 'perfuradores de bruxas', remunerados apenas quando descobrirem uma bruxa.

P- Todos esses episódios devem ser conduzidos por um sacerdote celibatário e casto.

M - Mas há uma depravada compulsão conhecida como a 'praga emocional', em que indivíduos sexualmente não-funcionais, incapazes de sentir prazer na prática natural do sexo, começam a aliviar sua sexualidade reprimida cortando, dilacerando e queimando a própria carne que não podem nem beijar, nem acariciar, nem inflamar com prazer.

M - Assim, o celibato - a "doutrina de demônios" - invadiu e tomou posse de uma parte enorme da "Santa" Inquisição.

M - Para Satanás, foi fácil invadir a Igreja Católica poderosamente, pois já a tinha movido para a prática da feitiçaria desde o ano 321, quando o imperador Constantino afirmou seu comando sobre a igreja.

M- Quando finalmente esse período da Inquisição começou, a Igreja já estava separada da videira verdadeira - Jesus Cristo - há mais de 800 anos.

M - A madeira estava muito seca, suscetível ao fogo do Inferno que Satanás soprou, usando a Inquisição.

M- O celibato facilitou a invasão de demônios.

M- Os sacerdotes católicos tornaram-se assassinos, estupradores e voyeurs.

M - Um número estimado, desde então, de 75 milhões de pessoas pagou o preço final, enquanto milhões de outras foram intimidadas, torturadas, e forçadas a manter relações sexuais pelos sacerdotes que manejavam essa arma terrível contra as mulheres que queriam levar para a cama!

M- A deusa está relacionada à terra, pois a mulher dá a luz assim como da terra se originam as plantas, a mãe alimenta, como o fazem as plantas.

M - A magia da terra e a magia da mãe são a mesma coisa.

M - A energia que dá origem às formas e as alimenta é essencialmente feminina.

P - A mulher não é a imagem de Deus, apenas o homem é. A imagem da mulher é a imagem do pecado.

P – Por isso o sexo é terrível e pecaminoso, que afasta o homem de Deus.

P - As mulheres não têm alma, são apenas carne, e estão, por isso longe da graça de Deus.

M – Jesus sempre apareceu primeiro para as mulheres. Sua mãe, as irmãs de Lázaro, Madalena...

P- Isso explica o papel de submissão do lado feminino dentro do Cristianismo foi oficializado à partir do I Concílio de Nicéia no ano 325. E tenho dito!

M- Aquele concílio, entre outras intenções visou o banimento da mulher dos atos litúrgicos da igreja. Ela só podia participar numa condição de subserviência.

CENA OITO

(música oriental / Pedro diz a Maria)

Ped - Irmã, nós sabemos que o Senhor te amou de maneira diferente das outras mulheres. Diz-me as palavras que Ele te disse e que tu te lembras e das quais nós não temos conhecimento...

Mar - Aquilo que não vos foi dado entender, eu vou anunciá-lo: Eu tive a Visão do Senhor, e então perguntei-lhe: “Senhor, eu estou a ver-te como uma aparição”. E Ele respondeu: “Abençoada, tu que não te perturbas diante da visão do meu ser. Porque onde está o *noûs*, lá está o tesouro”. Então eu perguntei-lhe: “Senhor, neste Instante, aquilo que em mim contempla a tua aparição é a *psique* (alma) que TE vê? Ou é através do *Pneuma* (Espírito, Sopro)? O Senhor então disse-me: "Nem é pela psique nem pelo Pneuma; mas o *noûs* que fica entre os dois.

Ped – Não entendo nem de psique nem de pneuma. Muito menos de *noûs*. Sou analfabeto, pescador e só sei de rios e lagos.

Maria – É preciso saber das coisas e não apenas acreditar.

Ped – As palavras servem para confundir. Prefiro ficar longe delas.

M - A palavra também é destino. A palavra anuncia aquilo que foi decidido pelos poderes. A maldição e a benção dependem dos rituais mágicos que estão sob o domínio das mulheres.

Ped – Não foi à toa que quiseram quebrar você em pedradas.

M – Mas, não conseguem. A poesia teve origem na fórmula dos sortilégios e nos cânticos mágicos. Esta poesia nasce das profundezas do inconsciente. De lá trazem, à tona, suas formas características; seu próprio ritmo, além do vigor e da sensualidade peculiares de sua imagem.

PARTE TRÊS

(a música introdutória é a primeira parte da tocatta e fuga em ré menor do Bach, música amplamente conhecida; enquanto isso se dá a troca de roupas e muda-se a luz, com preponderância para os valores de azul profundo e âmbar lateralizando, recortando o perfil dos corpos. O cenário muda para uma sala medieval, provavelmente de tortura, com seus aparatos, e, parte de catedral gótica e seus vitrais, por onde se dará a maior parte da iluminação indireta. Monjas trazem B para o centro do palco com violência e ostentação de poder).

M: A passagem da Vênus erótica para Vênus mortuária. Você não tem vergonha, mulher, de se transformar em uma Afrodite desleixada?

M: Com suas vergonhas de fora?

M: Fala! Fala ou a arrebento de pancadas.

M: Pode ser que ela até goste.

M: Fala! Confessa! É confessando que se vai para o céu... mais

rapidamente.

B: Nada tenho para confessar!

M: (*deboche*) É claro que essa feiticeira é completamente inocente. O que você fazia com aquele homem... atrás da casa?

B: Aquele era meu marido e nós...

M: Vocês se esfregavam como dois animais... foi o que pudemos ver.

B: Meu marido e eu estávamos...

M: Não se faça de engraçadinha, sua... Messalina porca (*cospe*); o tempo corre contra você.

B: Nós dois... era de tarde... gostamos de caminhar...

M: Era quase noite... e a noite é para os cães... é para o senhor das trevas...

B: Estávamos juntos, pois meu marido tinha viajado a mando do bispo...

M: E aproveitaram para desembestar seus instintos de bichos...

M: Sob as bênçãos do bispo...

M: É! Isso fica cada vez pior.

M: O Santo Bispo não aprovaria...

M: O Santo Bispo não aprovaria nada que fosse contra a natureza .

B: Nada fazíamos contra a natureza.

M: Engano seu! Tudo que o ser humano faz já é um ato contra a natureza. O clero tem a resposta para tudo. O clero sabe se a terra gira ou não gira... O clero determina o que é epifania ou gozo celestial.

M: O sistema continua geocêntrico, apesar de uns loucos andarem por aí querendo colocar o homem no centro desse Universo. A Terra é o centro do Universo e... nunca foi redonda.

B: Onde está meu marido? Ele poderá dizer o que fizemos

M: Ele já disse o bastante....

M: E disse cada coisa sórdida...

M: Coisas sujas que até me dão arrepio...

M: Ele já confessou que você o enfeitiçou. É o bastante.

B: Como assim? Ele sempre me diz isso. Que eu o enfeitei com a minha beleza...

M: Ela ainda repete...

M: Certamente o espírito de Belzebu a está tomando...

B: Como assim?

M: Como assim!? Como assim!? Não sabemos como assim! Não somos feiticeiras... Somos puras servas de Deus e responsáveis pela moral dessa cidade. A bruxa aqui é você.

M: Não queria inverter os papéis. (*olha para as outras com sorriso superior*). É bem a atitude do demônio. Confundir... confundir... repartir para enfraquecer...

M: É melhor abrir a boca de uma vez. A coisa pode ficar muito pior do que já está.

M: Nos autos tudo está muito claro... Há dois movimentos nítidos em suas ações: O primeiro, quando você se relaciona com a Lua, mãe dos cães, e da Hécate. Mãe dos fados, dos tontos, dos pensadores e dos artistas. Dos lunáticos.

M: E o segundo, quando há cultivo da sujeira. Fixação anal. Ele... (*persigna-se*) perdoem-me, irmãs... ele não experimentava você por trás?

M: Seja clara! Ele não fazia brincadeira com o seu rabo?

B: Quem? Quem?

M: Ora quem? O seu marido!

B: Mas ele é meu marido. O que fazíamos é...

M: Problema nosso. Somos zeladoras da moral. Guardamos o sagrado. Preservamos o que é puro.

M: A comunidade não pode se permitir a luxos de liberdade, de igualdade e fraternidade, como querem alguns outros loucos...

M: Além do mais. Sodomia é crime Lembra o que aconteceu aos habitantes de Sodoma e Gomorra?

B: O que é isso?

M: Ela nem sabe das escrituras, irmã.

M: Certamente Belzebu devastou a mente dessa pobre indigente

M: Foram tornados em sal...

B: Vocês vão além do que é permitido.

M: O que é ou não é permitido sabemos nós.

M: Fala. Você é uma sodomita. Fala! Confessa!

M: Seu marido já confessou.

B: Eu amo meu marido.

M: Vocês queriam evitar a maternidade!

Todas: Pecado!

M: Vocês jogavam na lama... no esterco... o sêmen, da mesma forma que Onan!

Todas: Pecado!

M: Vocês usavam a posição dos animais e não a santa posição dos missionários! Você estava de quatro. Ele por cima! Entrando e saindo de você!

Todas: Pecado!

B: Ele é meu marido eu repito!

M: Isso não interessa. A Igreja quer a todos castos e puros.

M: O céu que nos espera não tem lugar para gente como você.

B: Mas, não tem mesmo... eu não posso pagar as indulgências que os padres vendem nos templos!

M: Quieta!

M: Minha família sempre foi pobre. Impostos e censura foram prêmios que ganhamos nesse tempo todo.

M: É nossa obrigação buscar a salvação.

B: Vocês parecem não saber o que é isso. Minha mãe teve que dormir a primeira noite de casada com o dono das terras e vocês querem me falar de salvação?

M: A alma podre dessa vagabunda está delirando...

B: Onde estava a Igreja naquele momento?

M: Dominus te cum... dominus vobiscum...

B: Quando os exércitos tinham que ir para as guerras santas e nossos homens já morriam... quem foi no lugar deles? Nossos pequenos irmãos de dez, doze anos de idade... a Igreja mandou nossas crianças para lutar por ela nas cruzadas... aí estava a Igreja naquele momento.

M: Eu estou ficando um pouco assustada, irmãs.

M: Essa mulher tem que calar essa boca.

B: Quando nossas avós e mães vinham ajudar nos partos e na cura das crianças enfermas o que é que aconteceu com elas? Foram parar na fogueira. E onde estava a Igreja naquele momento?

M: É melhor chamar os soldados e o Santo Bispo ou então...

M: Nossa obrigação é punir essa mulher... essa boca de latrina...

B: Eu e meu marido praticamos o canibalismo amoroso. Ele me come e eu o como. Gostamos de nossos corpos. Nos lambuzamos com mel para que nossos membros deslizem melhor, sem dores... só prazeres.

M: Estou dizendo que é uma pecadora .

B: Somos poetas e somos canibais melancólicos. Nós nos

devoramos.

M: Quero ver isso de perto.

B: Virgens ou prostitutas serão devoradas pelo mesmo verme numa eroticidade subterrânea. Sob a terra, dentro da terra. No ventre da Mãe-Terra...

M: Por isso se espojavam na lama, daquele jeito.

B: Por isso nos amávamos. Somos seres de carne e osso e nos amamos. Não temos propensão e nem o comodismo para assumir o sacerdócio e o suposto sacrifício... Nascemos para a felicidade. E quando somos felizes, os pobres de espírito e infelizes se chocam, reagem e querem destruir o que conseguimos... invejosos . *(As M falam entre si, alvoroçadas)*

M: Ela parece confessar tudo, agora!

M: Desajuizada! Não sei como fazer para que ela seja perdoada.

M: Provavelmente com um grande sacrifício por parte dela!

M: E nosso, por conseqüência! .

B: A noiva morta, a freira no convento, a princesa encastelada são símbolos daquilo que está recluso e escondido. Daquilo que não quer se expressar. Eu e meu marido estávamos praticando a nossa união de carnes e de espíritos...

M: *(alternadamente, um tanto nervosas)* E de sucos... E de líquidos.. E de gosmas.. . E de saliva salgada...

B: Os beijos... ah! Os beijos... *(lírica)* eram longos... beijos onde nossas línguas se enroscavam... O suor que escorria era um magnífico aliado para nossos lábios...

M: Como cobras... as serpentes... os cabelos de Medusa... para mim basta!

B: E eu gemia... gemia... ah! Como eu gemia... quanto mais eu gemia mais ele se enterrava em mim...

M: Você está se entregando para a fogueira. Mulher. Você está pedindo o sacrifício máximo, mulher!

B: Eu sou como a figura lunar de Ofélia morta nas águas, ou, como a imagem do cisne de Leda. A mulher e a alma humana são belas adormecidas aguardando a ressurreição.

M: Para de falar! Minha barriga está tremendo. Para de falar!

B: Você queria que eu falasse. Você me forçou o falar! Agora ouve, e, se puder, aguenta! *(A outra Monja dá uma chicotada no chão)* .

M: Sua ingrata. Nós tentamos ajudar você! (*Para a Monja desesperada*) Contenha-se. Pense nos santos e nos sacrifícios!

M: Estou pensando e a coisa piora!

M: Pense nos anjinhos celestiais.

M: Você não pode se sujeitar aos desejos dela! Pensa nas indulgências,

M: Não são os desejos dela, são os meus! Eles é que gritam!

M: Fala baixo! Pensa nas penitências!

M: (*olha para a outra com excitação*) Cada vez que eu me martirizava com a luva de pregos... eu saía fora de mim... minhas nádegas tremiam... minhas coxas tremiam... Nunca consegui nada!

M: Você não via alma dos santos?

M: Não via nada, nada! Só via meu peito estufando debaixo da roupa. Minha mão queria carícias e eu não conseguia parar! Como agora... como agora (*ela arfa e se esfrega despidoradamente*).

B: Vocês que fazem a defesa de Tanatos, da morte e do fim, vão descrever como testemunha ocular da velhice e fazer apologia do faquir, da múmia e da alienação.

M: Cala essa boca, mulher! Alguma coisa esta escorrendo de mim! (*Olha a mão*).

M: Não deixa escorrer! Não deixa sair! É vermelho ou é claro'.

M: Vermelho não é!..

M: Pode ser mijo...

M: Também não é... é alguma coisa viscosa... (*A monja, completamente alterada, para B*) Para de falar sua cadela!

B: Eu não sou mais a mulher de Lot! A mulher estátua, preservada em sal!

A: Cala!

B: Eu não sou mais a virgem que recalca a bacante.

M: (*amparando a outra*) Sacerdotisa do mal! Meretriz pagã!

B : Eu quero os prazeres do corpo!

M: Sua alma vai direto para o Inferno! Vai queimar no poço de enxofre!

B: Aliás, hoje podemos dizer que virgens somos todas, enquanto não temos nossos filhos. Todas somos virgens. As mães já não são virgens. Essa é a nova noção da virgindade. E isso explica o nascimento de Cristo!

M: Nosso espírito nos dilacera!

B: Que fazem vocês? Não suportam os pedidos da carne? O corpo é nosso templo! É o templo que carregamos por todos os lados.

M: Não queremos pecar! O corpo é a fonte do pecado.

B: Honrando o corpo cumprimos a justiça da carne e sua necessidade... E devemos cuidar do nosso templo, cuidando do corpo.

M: Nosso corpo nos corrompe.

B: Só se você não usá-lo. Cuidar do corpo é satisfazê-lo, mantê-lo saudável. Praticar o corpo. Usar o corpo em todas as suas potencialidades. O corpo honra o espírito!

M: *Para! (repete muitas vezes enquanto se acaricia convulsivamente)*

M: Sua pecadora.

M: Filha de pecadores.

M: Nunca será mãe de pecadores. Você sumirá antes disso.

B: *(pausa)* "Quero vê-la sem vergonha, sem receios. Quero ver teus braços nus (*M descobre o braço e o oferece*) quero teu dorso nu, os seios nus... toda nua, da cabeça aos pés (*A M mais desesperada vai tirar a roupa mas a outra a contém, com custo, ralhando com ela, deixando-a em retalhos de roupa de monja*).

M: Eu quero a exuberância dos contornos, as belezas da forma, seus adornos, seus enfeites. A saúde. A matéria. A vida, enfim.

B: *(oferecendo-se, braços, abdome, seios, coxas)* Morde! Morde também! *(M quer morder. As outras a contêm, sem muita vontade)*

Ai! Morde! Que doce é a dor que entra nas carnes e as tortura.

M: Sai, mulher! Sai! Sai!

M: *(ao mesmo tempo)* Vem... vem... me dá a sua boca!

B: Beija! beija mais!. Morde mais! *(elas monjas tentam chupar os dedos da B)* Que eu morra de ventura, morta, por teu amor

(bruscamente ela se separa das monjas). Tudo isso dizia eu ao meu marido, quando a guarda do Bispo nos pegou! Graças a vocês, corujas invejosas.

M: Mulher! Ao ver você e seu marido fornicando, arfando de prazer, seus corpos luzindo ao brilho da lua que nascia , brilhando na quase a quase noite, sobre mato, sobre a terra, nós, como um bando de vorazes lúbricas jumentas, sentimos nossos instintos canibais ardendo no peito .

M: Era tudo o que não nos era permitido...

M: Ardia minha barriga... minha roupa se molhou... eu esfreguei uma perna contra a outra e elas deslizaram como se estivessem molhadas de sabão...

B: Então, venham comigo, (*movimentos feiticeiros*) sigam meu exemplo.

M: Não queremos!

M: Queremos sim! Queremos tudo!

B: Sigam minhas mãos!

M: Besta feroz! Dilata suas ventas! Eu sou essa presa infeliz!

B: Eu sou eu a que arma as ciladas. Perdi o marido, é verdade. Mas ganharei seus corpos elétricos, escamosos, onde se multiplicam os desejos.

M: Bela e traidora!

M: Ao mesmo tempo beija e assassina!

M: Quem a vê tão bela e desejosa na tem forças para se opor!

M: E quando acorda... já acorda em ruínas... O templo tomado e destruído...

B: Para ser reconstruído em três dias... como disse Osiris... é por isso que queriam meu fim? Então recita alguma coisa sagrada... algo que tenha o sabor do prazer... Cita os versículos de Sulamita: amante de Salomão...

M: (*como se fizessem uma prece aos céus, alternadas, mas o texto tem que ficar claro*) Estes lábios são teus, estas coxas são tuas, vem, ó rei Salomão... meu corpo é todo teu, Vem devorar aqui as minhas pomas nuas, o fruto saboroso e ácido que sou eu...

B: Pomas nuas... a fruta que está entre as pernas... o pêssego que se abre carnudo, veludoso e sumarento... (*tremenda gargalhada. A gargalhada vai se ampliando e se tornando terrível, talvez amplificada*).

M: Essa é a gargalhada de Lilith!

M: A primeira mulher de Adão! Ela está aqui.

B: Sempre estive presente. Simbolicamente vestida de roxo. Flores rosas em um vestido preto. Essa será sempre Lilith! A que chora no deserto, mas domina a Terra.

M: Sai. Lilith!. Foge! Vai de volta para seu deserto vermelho cheio de pó. Levanta a poeira das nossas estradas e sai.

B: Esses são momentos finais para vocês! (*B envolve as duas com*

um pano elástico grande de modo que o desespero das monjas possa ser visto pela platéia através do pano esticado. O pano não é transparente. Elas se vão despindo, envoltas pelo pano. Os corpos são entrevistados pela elasticidade do pano). Vocês estão aterrorizadas. E, o terror nos transforma em Medusas. Aquela cabeça coroada de cobras, cuja boca forrada de dentes afiados... pronta para morder. Nada mais e nada menos do que o sexo da mulher adulta, cercado de pelos, que usamos para comer os homens. Parece que vocês são o tipo de monstro que só fica feliz quando cortam suas cabeças masculinas; ficarão felizes quando cortarem seus sexos, propondo a paz celestial? Puro engano. O que vocês têm é o medo do enfrentamento. O que mais quererão? Corpo de bacante e alma de monja? A carne na fúria do beijo e a lama se elevando aos céus? Sim! Pois fomos feitas do pó da terra... quando estamos encharcadas da água da vida... esse pó da terra se transforma em lama... quando não há mais vida nos voltamos ao pó... Ébrias sedentas em fogo para estancar o ardor da vulva na limpidez e frescura das águas? (o pano escapa e as monjas entoam bem feiticeiras no proscênio as frases do bardo inglês).

M: Oh! Duendes, elfos, bruxas e vampiros! Venham! Em grande e tenebroso bando! Acompanhem os passos dessas fracas borboletas entre litanias, suspiros e cantos! Mães-dos-Fados! Mão na mão! Percorremos mar e terra e assim rodamos, assim rodamos: para ti três vezes são e, três vezes para mim; outras três, nove serão! Silêncio! *(pausa)* Está pronto o encanto. (ESCURECE).

Fim

SELO EDITORIAL FATECmococa